

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

WALTON VALDOMIRO LUZ

**O NORDESTE E O NORDESTINO NA MIRA DA MÍDIA:
Sertão/seca e sertanejo/flagelado/pobre *versus* “paraíso tropical” nos discursos e
imagens na *Revista Nordeste* (2012-2013)**

**PICOS-PI
2016**

WALTON VALDOMIRO LUZ

**O NORDESTE E O NORDESTINO NA MIRA DA MÍDIA:
Sertão/seca e sertanejo/flagelado/pobre *versus* “paraíso tropical” nos discursos e
imagens na *Revista Nordeste* (2012-2013)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em História, do Campus Senador Helvídeo
Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí –
UFPI, como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Nilsângela Cardoso Lima.

**PICOS-PI
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

L979n Luz, Walton Valdomiro

O nordeste e o nordestino na mira da mídia: sertão/seca e sertanejo/flagelado/pobre versus “paraíso tropical” nos discursos e imagens na Revista Nordeste (2012-2013)/ Walton Valdomiro Luz. – 2016.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (86f.)

Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

Orientador: Profª Dra. Nilsângela Cardoso Lima.

1. Análise do Discurso-Nordeste. 2. História-Representação-Piauí. 3. Nordeste-Representação. I. Título.

CDD 981.22

WALTON VALDOMIRO LUZ

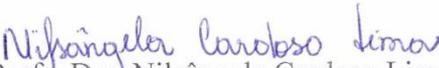
**O NORDESTE E O NORDESTINO NA MIRA DA MÍDIA:
Sertão/seca e sertanejo/flagelado/pobre *versus* “paraíso tropical” nos discursos e
imagens na *Revista Nordeste* (2012-2013)**

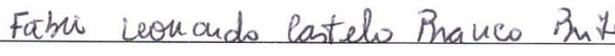
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em História, do Campus Senador Helvídeo
Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí –
UFPI, como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Nilsângela Cardoso Lima.

Aprovado em 01/03/ 2016

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Nilsângela Cardoso Lima
Orientadora


Prof. Ms. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito
Examinador Interno


Prof. José Elierson de Sousa Moura
Examinador Externo

Aos meus pais, principais incentivadores da minha
jornada em busca do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

É chegada a hora de agradecer a Deus pela força e coragem concedidas para enfrentar os mais diversos desafios que surgiram nesses anos de graduação. Sempre caminhamos em frente, de cabeça erguida, na certeza de que receberíamos auxílio no momento em que fraquejássemos.

Agradeço de coração aos meus pais, Maria e Valdemiro, sem os quais não teria chegado aqui. Estes fizeram o possível e o impossível para que pudéssemos superar juntos todas as dificuldades que surgiram.

Sou grato à Joseane Santos, minha namorada e companheira, que está sempre comigo nos momentos bons e também nos ruins. Agradeço pela compreensão nos momentos de ausência dedicados a leituras e pesquisas para a realização desse trabalho.

Aos meus colegas de classe com os quais tive a oportunidade de construir conhecimentos que vou levar não só para a profissão, mas para a vida. Dentre esses colegas, tenho que agradecer em especial à Nádia Narcisa, Francisca Meneses e Mohana Jéssica, com as quais compartilhei não só os momentos de angústias na realização de provas, seminários e trabalhos, mas também compartilhamos conquistas, alegrias e sonhos. A vocês deixo o meu sincero obrigado e a certeza que levarei para toda vida a nossa amizade.

Aos meus amigos Cláudio, Sérgio e Márcio, pelos momentos compartilhados e com os quais sei que sempre posso contar.

O meu muito obrigado à Profa. Nilsângela Cardoso, minha orientadora, por me guiar na construção desse trabalho, compartilhado comigo um pouco do seu vasto conhecimento. Muito obrigado pela paciência, por apontar os meus erros e por me ajudar não só a construir um trabalho melhor, mas me tornar melhor enquanto profissional.

O meu mais sincero agradecimento ao professor Gleison Monteiro, pelas experiências compartilhadas no âmbito do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e em todos os momentos da minha vida acadêmica, sempre me incentivando a ser um profissional e um ser humano melhor.

A todos os colegas do PIBID com os quais tive a oportunidade de contribuir para a realização das mais diversas atividades direcionadas ao ensino básico. Dentre esses, tenho que agradecer em especial ao Ricardo Moura pelas conversas, pelos projetos e por compartilhar comigo um pouco do seu profundo conhecimento filosófico.

Muito obrigado ao Danilo Macedo, pela sua ajuda e incentivo para que eu pudesse prosseguir no Curso de História.

Agradeço a todos os professores do Curso de História da Universidade Federal do Piauí pelo empenho e dedicação no processo de formação de profissionais de qualidade.

Agradeço àqueles que de alguma forma contribuíram para a realização desse trabalho e por participarem das experiências que vou levar para a vida.

“De tudo ficaram três coisas...
A certeza de que estamos começando...
A certeza de que é preciso continuar...
A certeza de que podemos ser interrompidos
antes de terminar...
Façamos da interrupção um caminho novo...
Da queda, um passo de dança...
Do medo, uma escada...
Do sonho, uma ponte...
Da procura, um encontro!”
(Fernando Sabino)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os discursos e as imagens publicadas na *Revista Nordeste*, no período de 2012 à 2013, que se referem à seca, ao pobre e à fome, elementos que há muito tempo vem sendo utilizadas para representar o Nordeste e o nordestino. Para tanto, elegemos algumas edições da *Revista Nordeste* de 2012 à 2013 como fonte de pesquisa. A teoria e a metodologia adotada versam pela Análise do Discurso. Contudo, priorizamos o conceito de *representação* proposto pelo teórico francês Roger Chartier (1988) a fim de entender o processo de construção dos discursos utilizados para representar o Nordeste e o nordestino, sem que perdêssemos de vista a representação do piauiense nas páginas da *Revista Nordeste*. Considerando que a *Revista Nordeste* é o nosso objeto de estudo, e não apenas mera fonte de pesquisa, analisaremos a *representação* do Nordeste feita pela imprensa periódica, percebendo as rupturas e continuidades ao longo dos anos através dos anúncios publicitários que vem ganhando força atualmente para “vender” uma imagem positiva do litoral nordestino, a fim de conquistar turistas, entendido como um consumidor em potencial, para que ele conheça e desfrute do lazer e dos sabores que essa região possui. Com isso, serão apresentadas as *representações* do Piauí desde a visão estereotipada da região e da sociedade, respectivamente, através dos discursos que reforçam a imagem do sertão/seca e do sertanejo/flagelado/pobre até a visão do Nordeste como um “paraíso tropical” através da mídia.

Palavras-chave: História. Representação. Análise do Discurso. *Revista Nordeste*. Piauí.

ABSTRACT

The present work has as objective analyzes the speeches and the images published in the Northeast Magazine, in the period from 2013 to 2013, that you/they refer to the drought, to the poor and the hunger, elements that there is a long time it has been used to represent the Northeast and the Northeasterner. For so much, we chose some editions of the Northeast Magazine from 2012 to 2013 as research source. The theory and the adopted methodology turn for the Analysis of the Speech. However, we prioritized the representation concept proposed by French theoretical Roger Chartier (1988) in order to understand the process of construction of the speeches used to represent the Northeast and the Northeasterner, without we lost of view the representation of the piauiense in the pages of the Northeast Magazine. Considering that the Northeast Magazine is our study object, and not just mere research source, we will analyze the representation of the Northeast done by the periodic press noticing the ruptures and continuous along the years through the advertising announcements that it is winning forces now to "sell" a positive image of the Northeastern coast in order to conquer tourists, expert as a consumer in potential, for him to know and enjoyment of the leisure and of the flavors that that area possesses. With that, the representations of Piauí will be presented from the stereotyped vision of the area and of the society, respectively, through the speeches that reinforce the image of the wilderness/dry and of the backcountry/scourged/poor to the vision of the Northeast as a "tropical paradise" through the media.

Word-key: History. Representation. Analysis of the Speech. Northeast magazine. Piauí.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Algumas capas da Revista Nordeste	244
Figura 2: Representação da família sertaneja em tempos de seca.....	466
Figura 3: Reprodução da primeira página da matéria Que tamanha judiação.....	488
Figura 4: Agricultor posa para foto ao lado de cadáveres de animais mortos pelas secas ...	5050
Figura 5: Representação de solo rachado pelos efeitos das estiagens	511
Figura 6: Publicidade sobre as belezas naturais e culinária do Nordeste Brasileiro	533
Figura 7: Anúncio das belas imagens do Nordeste com textos curtos, característicos da publicidade	555
Figura 8: Imagem das belas praias de Fortaleza - CE	566
Figura 9: Publicidade sobre os serviços e conforto oferecidos pelo Hotel Cabo Branco.....	566

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 O NORDESTE E A SECA ENQUANTO RECORRÊNCIAS TEMÁTICAS NOS DISCURSOS LITERÁRIOS, JORNALÍSTICOS E HISTORIOGRÁFICOS	18
2.1 O Norte e o Nordeste na literatura, na imprensa e na historiografia: a instituição de um espaço das secas	18
2.1 <i>Revista Nordeste</i> e seus produtores	21
3 RUPTURAS E CONTINUIDADES NA REPRESENTAÇÃO DE UM NORDESTE SECO	26
3.1 <i>Revista Nordeste</i> e seu público leitor	26
3.2 A representação do Nordeste/nordestino nas narrativas sobre as secas nas páginas da <i>Revista Nordeste</i>	28
3.3 O papel da imprensa na instituição da pobreza do Piauí	37
4. A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS ATRAVÉS DAS IMAGENS DO NORDESTE/NORDESTINO NAS PÁGINAS DA <i>REVISTA NORDESTE</i>	43
4.1 A <i>Revista Nordeste</i> e a disseminação de imagens sobre a seca	45
4.2 Um novo estereótipo para o Nordeste: a construção de um paraíso tropical	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	62

1 INTRODUÇÃO

Já há algum tempo fomos despertados no âmbito do curso de História para as temáticas que discutem sobre o Nordeste. Muito me inquieta(va) ver o *status* de pobreza e fome imposto à região, como se não tivéssemos nada melhor para ser mostrado. Essa inquietação nos fez ir à busca de uma bibliografia especializada que aborda a temática, objetivando, assim, ampliar nossas possibilidades de interpretar e analisar esta questão. Durante a graduação, muitas possibilidades foram pensadas como tema para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). De início, pensei em trabalhar o cangaço; com o passar do tempo e já com novas leituras, essa temática foi deixada de lado, sendo substituídas pela vontade de analisar a produção publicitária relacionada ao Nordeste, temática que também foi descartada.

No entanto, o que esses temas e outros que surgiram tinham em comum? Todas estavam relacionadas ao Nordeste e à inquietação gerada com as representações feitas deste lugar, onde não me reconhecia, não me encontrava nas imagens e nos textos habitualmente veiculados pela imprensa sobre o Nordeste. Podemos dizer que essa inquietação só ganhou maiores proporções depois que cursei a disciplina *História do Brasil República II*, ministrada pelo Prof. Fábio Leonardo. Nessa disciplina, fomos apresentados ao livro de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011), intitulado *A Invenção do Nordeste outras artes*. As questões levantadas pelo Prof. Fábio Leonardo e os posteriores diálogos que se desenvolveram a partir da leitura deste livro me fez ter a certeza de fazer um trabalho de pesquisa científica que tivesse como tema central a região Nordeste. Nesse sentido, aprofundei as minhas leituras e realizei pesquisas sobre o assunto, objetivando definir a temática e recorte temporal para que pudesse definir a temática a ser trabalhada no TCC.

Nessa busca, vários autores foram encontrados. Contudo, podemos dizer que um, em especial, prendeu a nossa atenção, tanto pela vasta pesquisa empreendida, ao se debruçar na análise de múltiplas linguagens (literatura, cinema, imagens) responsáveis por instituir o Nordeste, quanto por sua vontade de desconstruir os discursos sobre o Nordeste enquanto dado natural. Estamos falando de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011). Como bem coloca o autor, o Nordeste é uma “invenção”, criada a partir da repetição constante de certos enunciados, diretamente ligados a relações de poder (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 35-36).

Durante minhas pesquisas, tive contato com a *Revista Nordeste*, uma revista de grande circulação produzida no Nordeste e que se propunha a evidenciar essa região, dando visibilidade a seus próprios habitantes. A decisão de usar esta revista enquanto fonte e objeto de pesquisa decorrem do meu interesse pelos estudos acadêmicos de duas áreas: a História e a Comunicação. Se hoje os periódicos se configuram como fonte privilegiada para a construção do conhecimento histórico de uma época, Luca (2010) nos coloca que até a década de 1970 ainda poucos trabalhos faziam uso dessas categorias de fontes, e isso se explica pela concepção de História em vigor no final do século XIX e início do século XX, onde se buscava fontes marcadas pela objetividade e credibilidade para uma correta recuperação do passado.

Nesse sentido, os jornais e as revistas assumiam uma posição secundária, sendo consideradas como repositória de subjetividades e paixões de seus produtores, em relação aos chamados documentos oficiais. De 1970 em diante, esse cenário começa a mudar com a crescente utilização de periódicos enquanto fonte para a construção de trabalhos acadêmicos, não só no campo da História, como em diversas outras áreas, resultado tanto de uma nova concepção de História, que não mais daria lugar de destaque a objetividade dos eventos, como também pela própria diversificação nos conteúdos das revistas. Assim, hoje os periódicos são amplamente utilizados em diversos campos do conhecimento.

Nesse sentido, as edições da *Revista Nordeste* publicadas nos anos de 2012 e 2013 foram selecionadas para a pesquisa. Essa escolha se deu por que essas edições possuíam matérias bem extensas retratando os sofrimentos vividos pelos nordestinos em função das secas que assolavam a região. Essa escolha se deu ainda pela facilidade de adquirir as edições analisadas, já que estas estavam disponíveis num repositório de periódicos *on-line* chamado *Issuu*.

Apesar de escolhermos esse recorte, recuamos no tempo a fim de situar o leitor das imagens de esquecimento, da seca e da pobreza há muito atribuídas ao Nordeste e onde tentaremos também apreender como o Piauí é representado nesse periódico.

Para tanto, a metodologia de análise empregada se pautou na seleção de matérias escritas e de imagens cujo conteúdo tinha como tema central o Nordeste e/ou o Piauí. Dessa maneira, o conjunto de matérias selecionadas para análise foi dividido em dois grupos: No primeiro grupo selecionamos materiais que estavam estritamente relacionados com as secas, pobreza e fome, elementos impostos à região nordestina e a sua população, problematizando e percebendo de que forma estes contribuía para reforçar os estereótipos construídos sobre o Nordeste. Já no segundo grupo selecionamos materiais que estavam relacionados com a

construção da representação de um “paraíso tropical” para o Nordeste. Nesse momento, o nosso intuito foi perceber como essas imagens e textos, na sua grande maioria, se constituem em materiais publicitários, contribuem para “vender” uma imagem positiva dessa região, principalmente das suas praias, para atrair um “público consumidor” cada vez maior com interesse em conhecer as belezas naturais, a gastronomia e desfrutar do conforto oferecido aos que visitam o litoral nordestino.

A escolha da *Revista Nordeste* enquanto fonte e objeto de pesquisa se deram, ainda, por entendermos a sua capacidade de nos trazer elementos culturais do seu período de veiculação. Costa (2012, p. 4) afirma que “revistas são artefatos culturais carregados de sinais de seu tempo, implicados em questões de história, política, poder, cultura e consumo”. Não podemos deixar de levar em consideração, ainda, o caráter pedagógico assumido pela revista e pela escrita, no sentido de orientar o nosso olhar para determinada visão de mundo, impondo-nos valores e pseudonecessidades.

Tendo como ponto de partida a percepção desses autores citados acima sobre o Nordeste e a produção de estereótipos que, *in saecula saeculorum*, foram e são construídas discursiva e imagetivamente sobre a região e sua população, resolvi analisar a representação do Nordeste, percebendo as continuidades e rupturas relacionadas ao estereótipo de uma região assolada pela seca e, conseqüentemente, pela pobreza. Tendo como base as leituras de Albuquerque Júnior (2011) ao falar sobre a construção de um Nordeste imagético e discursivo, optei por problematizar não só os textos presentes nas edições da *Revista Nordeste*, mas também as suas imagens, pois, como coloca Marta Emisia Barbosa (2004), sabemos a importância das imagens na formação de memórias sobre as secas.

Dessa forma, objetivamos analisar a recorrência de temáticas relacionadas às secas na *Revista Nordeste* no intuito de problematizar como os seus textos e imagens contribuem para reforçar (ou não) os estereótipos de seca, pobreza e fome atribuídos ao Nordeste, e compreender o uso dos anúncios publicitários como formas de vender imagens positivas sobre o litoral nordestino, atraindo assim turistas interessados em desfrutar de produtos e serviços oferecidos na região.

Alguns autores e suas leituras foram de fundamental importância na construção desse trabalho. Assim, elegemos como referencial teórico Durval Muniz (2011), o qual usamos para entender a construção do Nordeste feita através do uso de várias linguagens; Marta Emisia Barbosa (2004) foi muito esclarecedora no sentido de entendermos a construção de memórias em torno das secas, feita por meio de imagens; As leituras Roger Chartier (1988) permearam

este trabalho, no sentido de entender não apenas como o Nordeste realmente é, mas como ele é representado em diversos meios.

O conceito de *representação* proposto por Roger Chartier (1988) nos auxiliará na análise das matérias. Para Roger Chartier (1988), a “[...] representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objecto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstruir em memória e de o figurar tal como ele é” (CHARTIER, 1988, p. 20). Nesse sentido, a *representação* pode assumir configuração mais ou menos próxima das coisas representadas, podendo ainda sofrer as interferências das vontades ou da imaginação dos homens.

Dessa forma, este trabalho foi dividido em três partes. No primeiro capítulo, faço um levantamento sobre a construção da imagem do Nordeste, além da sua recorrência em múltiplas linguagens, tais como o cinema, a TV, a música etc. Como sabemos, este é um tema bastante trabalhado. No entanto, por perceber que as representações pejorativas do Nordeste ainda estão muito presentes na nossa sociedade, optei então pelo prosseguimento do trabalho. Além do mais, muitas narrativas e questionamentos podem ser levantados em torno de uma mesma temática ou de mesmas fontes, pois cada pesquisador constrói suas reflexões partindo da bagagem cultural que já possui. Ainda nesse capítulo, falo um pouco sobre a importância da imprensa e de seus correspondentes, no sentido da disseminação de notícias sobre as secas, além de apresentar a *Revista Nordeste* e os seus produtores, bem como a área de circulação desse periódico, deixando claro ao grupo social a qual esta se destina.

No segundo capítulo é feita uma análise da *Revista Nordeste* propriamente dita, focando nas suas matérias escritas. Busco, em primeiro lugar, entender o conceito de *representação* proposto por Roger Chartier (1988) para, em seguida, abordar as relações que são mantidas entre a revista e os seus leitores. Só depois dessas reflexões, procuro analisar de que forma as narrativas sobre o Nordeste e o Nordestino são construídas e de que forma elas contribuem para disseminar a visão do Nordeste como sendo um lugar atrasado e parado no tempo, e seus habitantes, os nordestinos, pobres coitados vítimas das secas dessa região. São esses estereótipos que pretendi desconstruir a partir da escrita deste trabalho. Ainda nesse capítulo, abordo a construção interpretativa da representação do Piauí.

Por fim, no terceiro capítulo, problematizo a representação do Nordeste e do nordestino feitas por meio de imagens publicadas nas páginas da *Revista Nordeste*, buscando compreender de que forma estas contribuem para reforçar o estereótipo das secas e da pobreza, proporcionando às matérias escritas assumirem proporções muito mais impactantes. Essas imagens foram divididas em dois grupos: o primeiro está relacionado com a

representação de um Nordeste seco e pobre, e a segunda a um novo estereótipo que começa a surgir, que é a imagem do Nordeste enquanto “paraíso tropical”. Esse “paraíso tropical” pode ser visto para além da criação de um estereótipo, ou seja, pode ser visto como reflexo das práticas de consumo atuais, onde os consumidores são amplamente influenciados pela mídia, pois a “venda” de uma imagem positiva do litoral nordestino está estritamente relacionada aos objetivos governamentais e de grandes grupos de empresas que se beneficiam do aumento do fluxo de turistas nessa região.

2 O NORDESTE E A SECA ENQUANTO RECORRÊNCIAS TEMÁTICAS NOS DISCURSOS LITERÁRIOS, JORNALÍSTICOS E HISTORIOGRÁFICOS

2.1 O Norte e o Nordeste na literatura, na imprensa e na historiografia: a instituição de um espaço das secas

Quando se fala em Nordeste, muitas são as referências bibliográficas que podem ser utilizadas para a produção de trabalhos acadêmicos sobre essa região e os seus mais diversos aspectos, sendo muito estudada pelas diversas áreas do conhecimento, como a geografia, a comunicação, a história, dentre outras. O Nordeste é analisado pelas suas estiagens periódicas e pelos efeitos negativos que estas causam aos seus habitantes, pela sua cultura popular representada na literatura de cordel, pelos estereótipos criados para o nordestino através do vaqueiro visto como homem “forte” e “valente” que não “leva desaforo para casa”, ou mesmo pelas suas práticas de consumo relacionadas ao turismo no litoral. Contudo, algumas leituras tiveram que ser escolhidas como base para a construção desse trabalho.

A leitura do livro *A invenção do Nordeste e outras artes* e as questões levantadas pelo autor não fez cessar nossa inquietação, mas contribuiu no sentido de aguçá-la, trazendo-nos ainda mais questionamentos e vontade de estudar o Nordeste. Albuquerque Júnior (2011) entende que o Nordeste foi instituído imagético e discursivamente, na década de 1920, para atender aos interesses de uma elite. Para entender essa construção discursiva, Albuquerque Júnior (2011) lança mão da produção de vários artistas e intelectuais em temporalidades diversas e com discursos muitas vezes discrepantes, mas que tem algo em comum: a vontade de instituir o Nordeste. Dentre esses intelectuais e artistas, podemos destacar Gilberto Freyre, José Lins, Rachel de Queiroz, Cícero Dias, Lula Cardoso Ayres, Luiz Gonzaga, entre outros, cada um fazendo uso de uma linguagem específica, sendo que “estas linguagens não apenas representam o real, mas instituem reais” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 34).

Temos que levar em consideração ainda que o Nordeste não é instituído apenas pelos discursos que emanam da própria região, mas também pelo olhar que as outras regiões do país, em especial o Sul, lançam sobre o Nordeste, travando assim disputas ideológicas no sentido de uma afirmação regionalista de superioridade. Esse olhar sobre o *outro* nos fazer pensar na força de um discurso que vem se perpetuando ao longo do tempo. Marta Emisia (2004) salienta que as temáticas referentes à seca e à pobreza são constantes, tanto no campo

da História como em outras áreas do conhecimento, constituindo uma recorrência temática, mesmo que abordando perspectivas diferenciadas.

A literatura, a produção acadêmica, as imagens e diversas outras linguagens contribuíram para evidenciar a questão. Em tempos de secas, os jornais e as revistas ainda contribuíam no sentido de dar visibilidade ao assunto. A sua recorrência temática muitas vezes se tornava repetitiva. Apesar de a temática já ter sido muito trabalhada, é necessário retomá-la, pois, segundo Beatriz Sarlo (2005, p. 40), “[...] sempre se sabe muito pouco, de que o que se sabe tem a fragilidade de um discurso que pode ser esquecido e que, portanto, é preciso voltar a ele repetidas vezes [...]”. Esse retorno que fazemos a uma temática não tem por objetivo reafirmá-la ou concordar com ela, e sim analisá-la e compreendê-la. Compreender como a seca e a pobreza do Nordeste tem se constituído enquanto recorrência temática.

Mesmo antes dessa região, diretamente ligada às secas, ser denominada de Nordeste, a imprensa do final do século XIX já chamava a atenção para os problemas do Norte. Em tempos de dificuldade de locomoção e deficiências dos meios de comunicação, as regiões viviam praticamente isoladas, conhecendo pouco ou nada sobre as demais regiões do Brasil. A maioria dos moradores do Sul do país só tinha conhecimento do Norte pelas notícias e imagens veiculadas pela imprensa, mais especificamente pelos jornais e revistas que noticiavam, na maioria das vezes, o flagelo vivenciado pelos moradores do Norte. Nesse momento, por volta de 1920, ainda não existe uma separação nítida entre Norte e Nordeste, sendo os dois termos utilizados como sinônimos (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 81-82).

Sobre a visibilidade dada aos flagelados do Norte, Marta Emisia (2004), em seu trabalho intitulado *Os famintos do Ceará*, analisa um conjunto de fotografias produzidas por J. A. Corrêa sobre a seca de 1877-1878 no Ceará. Visibilidade dada não só a essas imagens, mas também as notícias sobre as secas, a pobreza e o sofrimento dos retirantes daquela região. Apesar de, naquele período, os progressos técnicos dificultarem uma ampla divulgação de fotografias na imprensa, estas já sinalizavam a sua introdução nesse veículo de comunicação. Utilizavam-se preferencialmente imagens que faziam referência à seca. Marta Emisia (2004) cita ainda Joaquim Alves e sua obra *História das secas*, cujo trabalho o autor afirma ser o Nordeste e sua parte seca, uma das regiões mais exploradas pela imprensa, dando visibilidade somente às misérias da região.

Marta Emisia (2004) destaca ainda que, nesse período de fins do século XIX e início do século XX, os jornais e revistas necessitavam, para produzir suas notícias sobre o Norte, da

colaboração de pessoas residentes naquela região, solicitando-lhes que enviassem cartas, telegramas e reproduções de jornais locais, contribuindo assim para que essas informações pudessem atingir um público leitor final mais amplo. Nesse sentido, o jornal *Gazeta de Notícias* e a revista *O Besouro* teriam inovado, ao enviar José do Patrocínio à região Norte com os objetivos de fazer descrições fieis da região e dos tipos encontrados na sua “Viagem ao Norte” (BARBOSA, 2004 p. 96).

É interessante percebermos a importância desses viajantes, os chamados correspondentes, na disseminação de notícias sobre o Norte, como também de outras regiões do país. Johny Santana (2009), em sua tese de doutorado¹, analisando a propaganda sistemática em torno da convocação de voluntários para a Guerra do Paraguai entre os anos de 1865 e 1866, já nos relatava a importância dos correspondentes.

Johny Santana (2009) elucida que os correspondentes foram de fundamental importância para os jornais, no sentido de obter as notícias nos locais onde estas estavam acontecendo, nesse caso, nos campos de batalha e “[...] áreas de concentração dos exércitos aliados [...]”. Esses jornais deixavam, assim, de depender somente da reprodução de matérias de outros órgãos de imprensa, passando a produzir as suas próprias notícias.

Apesar desses correspondentes se fazerem presentes nos campos de batalha, juntamente com as tropas, muitos deles nem eram militares, mas sim pessoas que se comprometiam com o envio de informações aos grandes jornais. Muitos deles eram viajantes, comerciantes ou simples aventureiros. Uma grande quantidade de jornais do Império, e mais especificamente do Piauí, faziam uso constante dos trabalhos dos correspondentes e “sua atuação consolidou-se com a utilização cada vez maior do material informativo que enviavam aos jornais” (ARAÚJO, 2009, p. 88).

Barbosa (2004) e Albuquerque Júnior (2011) fazem colocações bastante semelhantes a respeito da imprensa e da atuação dos correspondentes, além das suas contribuições no sentido de instigar a curiosidade sobre áreas pouco conhecidas do país, a exemplo do Norte. Albuquerque Júnior (2011) nos coloca que, nas décadas de 1920 a 1940, era comum, nos jornais, grandes quantidades de notas sobre viagens ao Norte. Ao chegar a essas regiões, os repórteres detinham a sua atenção aos costumes ditos “bizarros” e as mazelas sociais, como fome e pobreza, criando assim imagens ou olhares homogêneos, fazendo ver esse espaço geográfico pelo seu subdesenvolvimento, pelo seu fanatismo religioso, representado na figura

¹ Tese de doutorado intitulada *Bravos do Piauí! Orgulhai-vos. Sois dos mais bravos batalhões do império: A propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai 1865 -1866*. Trabalho apresentado em 2009, na Universidade Federal Fluminense.

dos beatos ou mesmo pela desordem imposta pelos cangaceiros. A imprensa, ao dar visibilidade aos ditos “costumes exóticos”, trabalhava no sentido de apagar as diferenças regionais, criando uma forma única de ver a região, homogeneizando-a.

Nessas notas de viagens, era possível perceber ainda uma constante oposição entre Norte e Sul. Porém, o Sul era abordado no sentido de reafirmação de sua superioridade, tanto pela sua raça como pelo seu clima, pois o discurso naturalista ainda em vigor afirmava que o subdesenvolvimento do Norte e de seu povo se devia a sua raça mestiça e ao clima quente encontrado nos trópicos (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 52).

Quando a imprensa, ou mesmo a literatura, queria dar visibilidade às mazelas do Nordeste no sentido de denunciar os maus-tratos sofridos pela população local, ainda acabavam por reforçar o estereótipo criado para a região, dando ainda mais força aos objetivos das elites locais, criando uma escrita que agia de forma bilateral nas imagens do Nordeste.

Bernardes (2007) pontua que, muitas vezes, o espaço geográfico que hoje denominamos de Nordeste foi e ainda é usado de forma errônea, onde muitos se apropriam da sua atual configuração geográfica, lançando-a em direção ao passado para denominar uma área que necessariamente não existia, como por exemplo, o Nordeste colonial açucareiro.

Albuquerque Júnior (2011) ressalta que, até nos anos de 1920, os termos Norte e Nordeste eram amplamente utilizados como sinônimos, o que mostra que o termo Nordeste ainda não tinha sido institucionalizado como espaços das secas, muito embora, com a grande seca de 1877, os Estados do Norte já tenham podido perceber a força desta no sentido da arrecadação de verbas.

O Nordeste surgiria como um espaço geográfico compreendido na região Norte e mais estritamente suscetível às secas, visto isso careceria de uma atenção especial por parte dos poderes públicos. O termo foi ainda utilizado de forma inicial como marco, no sentido de definir a área onde atuaria a Inspeção de Obras Contra as Secas (IFOCS).

2.1 Revista Nordeste e seus produtores

A *Revista Nordeste* trata-se de um periódico de ampla circulação publicada no Nordeste, mais especificamente no Estado da Paraíba, e distribuída para todos os Estados da região Nordeste, além de São Paulo e Rio de Janeiro. De acordo com os dados analisados, a

Revista Nordeste atinge uma média de cinquenta mil exemplares impressos por mês, sendo lida por mais de 170 (cento e setenta) mil pessoas, nos seus formatos impressos e digitais. A grande maioria dos leitores- mais de 70%- são moradores da região Nordeste e o menor número de leitores do periódico é encontrado na região Norte do país, com cerca de apenas um por cento.

A *Revista Nordeste* pode ser facilmente adquirida, tanto pela assinatura anual ou bianual no site do próprio periódico², ou ainda ser comprada de forma avulsa através de aplicativos móveis disponíveis para os mais diversos dispositivos, como *tablets* e *smartphones*. Algumas edições ainda podem ser encontradas de forma gratuita em serviços *on-line* de armazenamento de publicações digitais como, por exemplo, o *issuu*.

Nesse repositório de periódicos denominado *issuu*, qualquer pessoa pode armazenar e compartilhar as suas publicações digitais de forma gratuita, sendo necessário apenas o preenchimento de um cadastro de identificação para que os serviços possam ser utilizados. Foi nesse serviço de armazenamento onde conseguimos todas as edições da *Revista Nordeste* utilizadas para a confecção desse trabalho, como já foi assinalado na Introdução.

Durante o período da pesquisa, quando ainda avaliava a possibilidade da *Revista Nordeste* ser utilizada como fonte para o TCC, nos deparamos com uma seção desse periódico incluso no serviço do *Issuu*. Naquele momento, ainda no ano de 2015, o *site* possuía um número reduzido de revistas, em média oito exemplares. Contudo, retornando a mesma seção, agora no ano de 2016, percebemos que o número de revistas foi ampliado, perfazendo um total de 21 (vinte e um) exemplares digitalizados e disponíveis para a leitura.

Além da facilidade de encontrar as revistas, outros elementos nos chamaram a atenção, a exemplo do *slogan* atribuído pelos seus próprios editores, que diz: a *Revista Nordeste* é a “única publicação fora do Eixo Rio-São Paulo a promover a leitura do Brasil pela ótica e interesse dos nove Estados nordestinos”³. Foucault (1999), ao falar sobre o discurso literário, nos leva a indagarmos “de onde vêm, quem os escreve; pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome” (FOUCAULT, 1999, p. 27)

Seguindo a colocação acima feita por Foucault, decidimos explorar mais a *Revista Nordeste* em busca de seus editores/colaboradores. Nos deparamos com interessantes nomes, a saber: José Dirceu, Delfim Netto, Carlos Roberto Oliveira, Ipojuca Pontes, Tânia Bacelar. Alguns deles viveram maior parte de sua vida em São Paulo e lá construíram sua carreira

² <http://www.revistanordeste.com.br/assine>

³ SANTOS, Walter. O Prêmio da Revista NORDESTE e a essência do Jornalismo, 2013. Disponível em:< <http://www.wscom.com.br/blog/ws/o+premio+da+revista+nordeste+e+a+essencia+do+jornalismo-10100>>. Acesso em: 13 de fev. 2016.

política, o que nos leva a refletir por quem é criada a imagem do Nordeste. Quando partimos para a análise da *Revista Nordeste* propriamente dita, podemos perceber que alguns exemplares são bastante extensos, possuindo em média 100 (cem) páginas de conteúdos sobre e para o Nordeste. Na leitura da revista podemos notar os estereótipos de pobreza, seca e fome criados para o Nordeste. Por exemplo, ao lermos a edição de Nº 74 da *Revista Nordeste*, de dezembro de 2012, nos deparamos com o seguinte título: “Que tamanha judiação – Maior seca dos últimos anos tem castigado os nordestinos. Estiagem tem arrasado plantações e matado o gado de fome e sede”. A matéria propriamente dita possui 08 (oito) páginas relatando sobre uma das piores secas dos últimos quarenta anos. Seus editores introduzem a matéria fazendo referência a duas canções de Luiz Gonzaga, denominadas “Asa Branca” e “A volta da asa branca”, onde o cantor/compositor relata o sofrimento vivenciado pelo sertanejo.

Ao continuar a nossa leitura pela *Revista Nordeste*, nos deparamos com um conjunto de imagens e cores eleitas como representantes dessa região. O vaqueiro, a casa de taipa, a vegetação semiárida retorcida e seus característicos tons acinzentados, formando um encadeamento de textos e imagens construindo uma “narrativa pelas imagens, a experiência de olhar e ler não só pelas palavras escritas, mas pela composição de imagens escolhidas” (BARBOSA, 2004, p. 95).

É interessante ainda observar como os seus editores querem nos passar a impressão de continuidade de um lugar estagnado, onde o tempo transcorre de forma lenta, e poucas mudanças acontecem no espaço. Como os seus editores nos afirmam, “A história contada ou, melhor; cantada em Asa Branca não é nenhuma ficção. Ela é real e vivida há séculos por esse povo sofrido. De lá para cá, nenhuma mudança foi sentida efetivamente” (*Revista Nordeste* ed.74, p.58). Nóbrega (2011) ressalta que por mais transformações que o Nordeste tenha passado ao longo dos tempos, os discursos sobre essa região ainda gravitam em torno de dois eixos, que seriam: o passado de glória que se quer ser lembrado, e lugar que mesmo na atualidade não superou o seu subdesenvolvimento.

Apesar de os nossos objetivos estarem relacionados com a análise das matérias e imagens presentes no corpo das revistas, consideramos que, mesmo de forma superficial, deveríamos atentar para a produção das capas da *Revista Nordeste*, tentando perceber como ela se organiza e quais elementos são utilizados para chamar a atenção dos seus leitores. Nesse intuito, não percebemos grandes mudanças, mas sim uma mesma organização. Na parte superior das capas das edições da revista são utilizadas para chamadas títulos curtos, geralmente relacionados às matérias de maior importância ou artigos de opinião escritos pelos seus colunistas.

Logo abaixo dessas chamadas encontramos o nome da revista, na qual a palavra Nordeste sempre aparece com letras garrafais, sendo destacadas com as cores que realçam/contrastam com a que é usada no plano de fundo. No centro das capas é perceptível a disposição de imagens sempre alinhadas ao lado direito. Essas imagens, na sua maioria, são de pessoas importantes e conhecidas no meio profissional ou no cenário político. Alinhada à esquerda são apresentados alguns dos títulos ou tópicos que apontam para os fragmentos de matérias, ou mesmo pequenos trechos de falas de alguns entrevistados, de modo que esses pequenos fragmentos possam despertar a curiosidade dos leitores a conferirem as reportagens na íntegra. Abaixo, podem ser visualizadas algumas das capas da *Revista Nordeste*.

Figura 1: Capas da *Revista Nordeste*.



Além das capas, detemos o nosso olhar também nos elementos pré-textuais das revistas *Nordeste*. Poucas mudanças foram observadas na forma como o conteúdo das revistas é organizado. Percebemos, assim, apenas uma pequena mudança na disposição do sumário nas suas edições, sendo que nas revistas mais atuais se apresentam letras e numeração de páginas em tamanho maiores. Essa mudança pode ter ocorrido em virtude das novas práticas tecnológicas e da possibilidade de leituras através dos dispositivos móveis, o que obriga os editores a adequarem as suas publicações para proporcionarem leituras mais agradáveis do material.

Foi constatada ainda, dentro do nosso recorte temporal, a mudança de responsáveis pela edição da revista, passando a responsabilidade da Associação para o Desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia (SCIENTEC), órgão ligado à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), para a Nordeste Comunicação, Editora e Serviços Ltda-ME, empresa de caráter privado. Como não foram localizadas todas as edições da Revista Nordeste, do período de 2012 a 2013, não podemos precisar quando ocorreram, ao certo, as mudanças gráficas no

sumário e dos responsáveis pela edição do periódico, ou ainda se existe alguma coincidência entre essas alterações editoriais.

Assim, percebemos como uma multiplicidade de elementos das revistas ou da imprensa periódica como um todo pode ser analisada. Cruz e Peixoto (2007) nos colocam que por possibilitar essa multiplicidade de análises, os materiais da imprensa estão cada vez mais presentes no processo de ensino-aprendizagem e sendo utilizados no campo da História para a reflexão e análise sob os mais variados temas.

É interessante observarmos ainda como os materiais produzidos pela imprensa estão não só nas mãos de pesquisadores nas academias, mas estão sendo usados também pelos professores do ensino básico, como forma de proporcionar aos seus alunos métodos de ensino mais significativos, por meio da problematização de fontes que estejam mais perto da realidade dos alunos. Nesse sentido, um livro que pode, em muito, contribuir para um correto uso e reflexão da imprensa no processo de ensino-aprendizagem é o texto de Francisco Alves Filho (2011), intitulado *Gêneros jornalísticos – notícias e castas de leito no ensino fundamental*.

3 RUPTURAS E CONTINUIDADES NA REPRESENTAÇÃO DE UM NORDESTE SECO

3.1 *Revista Nordeste* e seu público leitor

Depois dessa abordagem inicial sobre a emergência de um modo homogêneo de ver e dizer o Nordeste, bem como sobre a recorrência de matérias de seca e pobreza atreladas constantemente à região, passaremos para a análise da *Revista Nordeste* propriamente dita, percebendo de que forma a região é representada em suas páginas. Inicialmente, a nossa atenção será dada nas matérias escritas, ficando as imagens para uma posterior análise.

Para Chartier (1988), as *representações* podem converter-se em instrumentos de submissão e legitimação de um grupo sobre outro, chegando a substituir a violência nesse processo de dominação. É interessante percebermos como os grupos dominantes e o governo sempre mantiveram estreita relação com a imprensa, utilizando-a como palco de disputas ideológicas ou nutrindo temor pela mesma (CAPELATO, 1988, p. 13).

É de extrema importância entender as relações estabelecidas entre as revistas e seus leitores. Abreu (2012, p. 11), ao analisar essa relação, afirma que as revistas tecem diálogos com os espaços públicos nos quais circulam, podendo assumir uma infinidade de sentidos, que vai depender do olhar que é lançado sobre essa publicação e da pessoa a qual esse olhar parte. Podemos dizer que as revistas podem assumir diferentes leituras nos espaços em que circulam.

Segundo Schmidt (2012, p. 21), essas publicações ou falas institucionalizadas podem assumir também um caráter pedagógico, nos condicionando a uma visão de nós mesmos e dos outros de uma determinada forma, e isso se faz de maneira gradativa, pela junção de elementos em comum que possam vir a criar identificação entre pessoas ou grupos de pessoas em torno de uma causa ou objetivo (SANTANA; BONIN, 2012, p. 31).

Essa junção de pessoas em torno de uma causa nos leva a pensar nas relações que os leitores estabelecem com as revistas. Para as autoras Santana e Bonin (2012, p. 31),

[...] em certa medida, somos cúmplices das revistas que lemos: interagimos com elas, aprendemos, construímos representações, modelamos (ou não) nossas condutas, enviamos e-mails, cartas, elaboramos textos de opinião, participamos de pesquisas, compramos, divulgamos... Enfim, participamos das redes de práticas que as revistas colocam em funcionamento.

Esse relacionamento ou interação descrito acima pode ser facilmente percebido na *Revista Nordeste*, onde uma secção específica, intitulada “Cartas e E-mails”, se destina para que os seus leitores possam deixar seus comentários, sugestões e opiniões para/sobre a revista. Essa secção funciona ainda como instrumento de legitimação ou prova social do prestígio da revista, nos dando ainda indicações relevantes sobre o seu público leitor, entre os quais podemos encontrar empresários, políticos, médicos, marqueteiros, entre outros.

Nessa secção composta na sua totalidade de elogios positivos à revista, a seus editores e ao conteúdo produzido, podemos dizer que uma temática se sobressaiu nas palavras dos leitores: o compromisso da revista com a “verdade dos fatos”, ou o “olhar fidedigno” lançado sobre os nove Estados que compõem o Nordeste. Porém, essa é uma visão que pode ser questionada, pois sabemos que a história ou mesmo o jornalismo são capazes de apreender apenas uma parte da realidade ou de suas múltiplas verdades.

Capelato (1988, p.15) afirma que os jornais sempre utilizaram de diversas artimanhas com objetivo de seduzir o leitor, atrair um público sempre maior e reuni-los em torno de uma causa, podendo esta ser de cunho político ou mesmo empresarial, e no caso das revistas isso não é diferente. Essa colocação feita por Capelato (1988) nos remete à chamada “indústria da seca”, ou seja, argumentos utilizados pelas elites políticas em busca de adquirir recursos privilegiados para o combate aos efeitos das estiagens; porém, nem sempre as verbas eram usadas para tal fim.

A esse respeito, ao analisar o progresso e as relações de poder em torno da seca, Araújo e Silveira (2007) acentuam que muitas vezes as verbas destinadas às obras de infraestrutura e construção de barragens e açudes serviriam para beneficiar alguns grupos privilegiados da sociedade. A seca podia ser vista ainda como uma oportunidade de promover o desenvolvimento local, no qual poucos iriam usufruir, e isso era feito por meio do desvio de verbas oriundas da “indústria da seca” para o desenvolvimento e modernização do espaço urbano.

Voltando à análise da secção de “Cartas e E-mails” da *Revista Nordeste*, pode-se inferir qual era o público leitor da revista, composto em parte por pessoas da elite, como médicos, empresários e deputados. Isso pode ser observado pelas suas contribuições deixadas nessa secção, sejam elas comentários, agradecimentos ou sugestões de novas matérias. O “Mídia

Kit⁴” reforça essa afirmação de que um dos públicos-leitores da revista é constituído, em grande parte, por pessoas influentes, detentoras de poder e prestígio na sociedade e, em dados quantitativos, sendo 32% dos leitores da classe A, 49% da classe B e apenas 19% da classe C.

Ainda sobre o público-leitor, Capelato (1988) nos diz que o próprio conteúdo e a organização de qualquer revista nos revelam muito sobre os interesses de seus escritores. Para a autora, um periódico que é destinado a ser consumido pela elite apresenta um conteúdo sem excessos, não exagerando nas matérias de caráter sensacionalista, que tem como principais conteúdos grandes tragédias, sexo e violência. Podemos perceber, pela análise da *Revista Nordeste*, que ela não apresenta esses exageros usados para chamar a atenção do público.

Tendo como referência os estudos da autora a respeito do conteúdo e da organização de uma revista, podemos perceber nos materiais estudados que estes não apresentam grandes mudanças de direcionamento, sendo que os principais destaques mantêm-se em torno dos assuntos políticos, principalmente das capitais do Nordeste, as belezas do litoral nordestino, do potencial de investimentos da região e dos problemas que ainda perduram, especialmente na região semiárida.

Depois de conhecermos a revista, o seu público-leitor, e um pouco da relação destes com o periódico, retornaremos para o objetivo central desse trabalho, que é perceber como o Nordeste é representado por meio da *Revista Nordeste*.

3.2 A representação do Nordeste/nordestino nas narrativas sobre as secas nas páginas da *Revista Nordeste*

Vasconcelos (2006), ao analisar a formação da identidade nacional tomando como base autores de diferentes épocas, a exemplo de Euclides da Cunha, Gilberto Freyre e Durval Muniz Albuquerque Jr., ressalta que a identidade nacional foi gradativamente construída em torno de alguns estereótipos, muitas vezes ainda ligados ao paradigma naturalista, o qual acreditava que o desenvolvimento de uma sociedade estaria diretamente ligado às influências da raça e do meio.

Na linha desses discursos identitários, o clima quente dos trópicos e a maior concentração de mestiços eram argumentos utilizados para impor o subdesenvolvimento, ou

⁴ “Mídia kit” diz respeito a um pequeno documento disponível na página de anúncios do site da *Revista Nordeste*, servindo para orientar os seus possíveis anunciantes sobre a tiragem da revista, Estados de circulação e público-alvo atingido.

mesmo o desenvolvimento lento da região. Apesar de a *Revista Nordeste* também ressaltar o desenvolvimento, os pontos positivos e as atitudes que enfatizam o convívio sustentável com o semiárido, muitas vezes os seus autores, a exemplo de Rivânia Queiroz, Mônica Melo, João Thiago, entre outros, ainda são pegos por esses argumentos naturalistas.

No século XXI, tais discursos ainda são reforçados pela *Revista Nordeste*. Na matéria “Que tamanha judiação” (*Revista Nordeste*, ed.74, p. 58), isso pode ser observado por meio da transcrição de fragmentos da música “Asa Branca” de Luiz Gonzaga. “O rei do Baião”, Luiz Gonzaga, há décadas indagava a razão de tanto sofrimento do sertanejo. Sessenta e cinco anos após o desabafo traduzido em sua canção Asa Branca o retrato da seca é o mesmo.” (*Revista Nordeste*, ed.74, p.58)

As próprias escolhas das músicas de Luiz Gonzaga pelos editores da *Revista Nordeste* são significativas, no sentido de percebermos a visão que eles têm em relação ao Nordeste, ou a visão que se quer imprimir do Nordeste para os seus leitores. Segundo Cláudia Vasconcelos (2007), Luiz Gonzaga não se apegava a uma cultura imutável, mas sim dinâmica, fluida, sendo capaz de cantar músicas que tematizavam o Nordeste ligado ao mundo rural e aos sofrimentos de seu povo, a fim de representá-lo como espaço de alegrias, de festas e de amores, de povos alegres e trabalhadores, de uma terra que também tem o seu colorido, em contraste com as cores acinzentadas da paisagem.

Sulamita Vieira (apud VASCONCELOS, 2007, p. 67), por sua vez, nos evidencia a construção de um Nordeste plural escrito por Luiz Gonzaga:

Através do baião, pintou-se um quadro do Nordeste, significativamente diferente daquele estampado com maior frequência na imprensa. Neste sentido, Luiz Gonzaga enfeitou o Nordeste e fez brilhar, embora produzisse, em profusão, imagens da seca e dos *retirantes*. Construiu também imagens de felicidade, por exemplo, acalantando o sonho da volta; reinterpretando o “pé-de-serra” e envaidecendo as morenas da cintura fina, para mencionar apenas algumas dessas imagens (VIEIRA apud VASCONCELOS, 2007, p. 67).

Não podemos negar, é claro, que muitas vezes, tanto a música de Luiz Gonzaga como a sua própria vestimenta, composta de um misto de vaqueiro e cangaceiro, terminava por criar ou mesmo reforçar os estereótipos sobre o Nordeste. Mas temos que nos atentar, assim como aponta Vieira (2000), para a construção de imagens múltiplas sobre o Nordeste ou suas diferentes possibilidades de ser representado.

Voltando ainda ao fragmento da *Revista Nordeste* citado acima, é possível ver no seu conteúdo os elementos selecionados para representar a região Nordeste, como o sofrimento do

sertanejo ocasionado pela falta de chuvas, ou mesmo pela violência advinda do coronelismo, além de uma temporalidade lenta, considerando que poucas mudanças ocorriam onde a modernização ainda não havia chegado e a economia permanecia basicamente rural. Albuquerque Júnior (2011) considera que esses elementos representativos do Nordeste foram escolhidos pela mídia, omitindo várias outras imagens positivas que poderiam dar uma “nova cara” à região. O autor ainda acrescenta que essa seleção de discursos que impõe um *status* de vítima aos nordestinos e sua terra partiram de escolhas feitas dentro e fora do Nordeste.

A matéria “Que tamanha judiação” da *Revista Nordeste* também nos leva a pensar num conjunto de representações que são repetidas em diferentes temporalidades e que, com certa frequência, são disseminadas pelos veículos de comunicação, tendo como suporte as mais diversas linguagens, tributando para a construção de uma imagem engessada da região Nordeste, descartando as suas múltiplas possibilidades (ALBUQUERQUE JR., 2011)

Tanto Albuquerque Júnior (2011) como Marta Emisia (2004) concordam que as imagens de pobreza, seca e fome, ainda hoje intimamente ligadas à região, são frutos de repetições de enunciados proferidos em diversas linguagens. Nos periódicos analisados, repetições de enunciados do tipo “a maior seca dos últimos 40 anos”, “a previsão é de poucas chuvas para os próximos meses”, “Chuvas abaixo da média”, “seca severa” são constantes, atrelados ainda a imagens que servem para dar maior dramaticidade às matérias, imagens essas nas quais nos dedicaremos de forma mais aprofundada no próximo capítulo.

Apesar do notório desenvolvimento da região Nordeste na segunda metade do século XX, ainda percebemos nos discursos construídos pela mídia e pela literatura sua imagem sendo constantemente associada a uma sociedade onde o meio rural ainda predomina. Vasconcelos (2006) assegura que essa representação do rural foi construída ao longo do tempo, tanto pelos habitantes da região Sul, como pelos moradores da própria região Norte (região que mais tarde passou a ser denominada de Nordeste), mas com objetivos diferentes, é claro. De um lado, discursos produzidos na região Sul do Brasil que queriam impor ao Nordeste uma visão pejorativa, de lugar atrasado, miserável e onde predominava a violência praticada pelos cangaceiros e fanáticos líderes messiânicos. Do outro lado, os habitantes do próprio Nordeste, mais especificamente os grupos de elite, que poderiam vir a se beneficiar com as verbas privilegiadas enviadas em socorro aos flagelados das secas.

Para Nóbrega (2011, p. 13), “apesar da dinamicidade da história, das transformações que a região sofreu ao longo do tempo, os discursos sobre o Nordeste parecem sempre reportar à mesma dicotomia, de um passado glorioso e uma atualidade marcada pelo subdesenvolvimento”. De acordo com a autora, não podemos negar a força que essas imagens

pejorativas assumiram e ainda vem assumindo ao longo do tempo, sendo necessária a busca de suas origens e dos sujeitos que as sustentam, impedindo assim que uma realidade complexa seja naturalizada.

Essa dicotomia abordada por Nóbrega (2011) se faz presente nas produções intelectuais que giram em torno da temática Nordeste. Dentro dessa dualidade se constroem oposições entre o Sul, espaço urbano e de população composta em sua grande maioria pelos brancos europeus e de classe economicamente superior; e o Norte, espaço rural de temporalidade lenta, onde o desenvolvimento ainda não chegou, ocupado por uma população composta na sua maioria por mestiços pobres.

Ao observarmos as narrativas construídas no próprio Nordeste, podemos ver com frequência a oposição, principalmente entre litoral e sertão. O litoral é sempre mostrado como um espaço de belas praias à espera de visitantes externos visando explorá-las, um espaço de beleza e atrativos, seja as belezas naturais ou mesmo a beleza das mulheres brasileiras, um lugar excepcional para se passar os momentos de lazer e desfrutar de uma gastronomia típica daquela região. Essas imagens construídas tanto pelos governantes locais como pela mídia, regidas por uma lógica de mercado voltada para o incentivo ao turismo, acaba por criar um novo estereótipo para o Nordeste: o do “paraíso tropical” a ser explorado (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 123).

É importante ressaltar que não queremos aqui negar as belezas e atrativos que o litoral nordestino possui, muito menos negar que existe, no sertão nordestino, pessoas pobres que vivem ainda sendo castigadas pelas secas. No entanto, objetivamos mostrar que esses são espaços complexos e possuidores de uma diversidade que não pode ser silenciada por vários discursos e/ou apagada por imagens simplistas e que são eleitas como representantes de um todo.

Essa representação do Nordeste como um paraíso tropical, onde os visitantes terão todas as suas vontades atendidas, entra em conflito com a visão há muito tempo imposta sobre o nordestino, de que ele seria preguiçoso e conformado com a sua situação de dominação social.

Albuquerque Júnior (2007) ressalta que para que grandes estruturas hoteleiras como as situadas no litoral do Nordeste venham a funcionar é preciso do comprometimento de uma grande quantidade de pessoas. Esses trabalhadores, empenhados no exercício de suas funções, lançam por terra o estereótipo de que os nordestinos seriam acomodados, que esperam apenas pelas migalhas enviadas pelo governo em forma de auxílio.

Quando falamos dessa divisão do Nordeste em dois polos opostos, “litoral” e “sertão”, ressaltamos a análise feita por Vasconcelos (2007) sobre a própria formação pejorativa desse termo. Para a autora, o termo “sertão” é muito abrangente e dotado de uma capacidade de mudança, podendo assumir diversas interpretações de acordo com os interesses dos artistas ou das elites intelectuais. Lima (1999, apud VASCONCELOS 2007, p. 57), ao analisar dicionários de língua portuguesa editados nos séculos XVIII e XIX, percebe já na formação do termo “sertão” um cunho pejorativo, visto que seu significado é construído estreitamente relacionado a um lugar deserto, interiorano e pouco povoado, possuidor de habitantes incultos e incivilizados.

Ao analisar ainda um dicionário mais recente, o Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, a concepção de sertão pouco difere do acima citado, estando o termo relacionado a terras agrestes, isoladas e distantes do litoral. Percebemos, de tal modo, a carga negativa que esses termos carregam.

Já em outras bibliografias estudadas por Vasconcelos (2007), como o livro de Luís Serrão Pimentel, *Prática da Arte de Navegar*, esse mesmo termo, além de estar relacionado ao sentido de aridez, também faz referência a vegetações abundantes ou matas. Ao analisar algumas frases presentes nesse livro que utilizam o termo sertão, a autora pode perceber uma diminuição na carga pejorativa deste, agora não mais relacionado com isolamento, ou afastamento do litoral, sendo mais relacionado à abundância da vegetação.

Destaque-se que à expressão “sertão” foram atribuídos diversos significados; com o termo “Nordeste” isso não é diferente, podendo, inclusive, variar de acordo com os objetivos que se quer chegar. Na edição de N° 74, de dezembro de 2012 da *Revista Nordeste*, percebemos a representação de um Nordeste estritamente relacionado aos domínios das secas, onde uma sociedade basicamente rural luta pela sua sobrevivência e de seu rebanho, recorrendo ao mandacaru e persistindo em plantar num solo árido, na esperança de que a chuva logo possa chegar para aliviar o seu sofrimento. As figuras do homem pobre, do meio rural, do vaqueiro, dos retirantes e do gado morrendo de fome e sede são constantes. Nessa edição, foi publicada uma matéria especial intitulada “Que tamanha judiação” e se estende por 09 (nove) páginas dessa revista.

Já na edição de número 76, de fevereiro de 2013, percebemos um novo olhar que é lançado sobre o Nordeste. Nessa edição da *Revista Nordeste*, as imagens de seca, pobreza e fome não aparecem com tanta força como na edição de número 74. Percebemos sim, uma vontade de evidenciar o Nordeste pelo seu potencial de desenvolvimento, sendo ainda comparado com os Estados Unidos da América (EUA) tanto pela sua extensão territorial,

como pela composição da sua população. Logo, no editorial da *Revista Nordeste* de Nº 76, é ressaltado que esse desenvolvimento atribuído à região tem chamado a atenção do governo e de empresas estrangeiras que desejam fechar negócios e fazer investimentos no país, com foco em ações que estejam relacionadas ao Nordeste, uma vez que “as cidades nordestinas, ao longo de suas trajetórias, vêm crescendo e chamando a atenção dos representantes americanos” (*Revista Nordeste*, Ed. 76, p.7)

A *Revista Nordeste*, edição nº 76, de fevereiro de 2013, traz ainda uma entrevista com Usha Pitts, consulesa norte-americana, na qual fica evidente a representação de um Nordeste desenvolvido e com grande potencial para continuar a crescer. Isso pode ser observado através desse fragmento transcrito do discurso da consulesa publicado na *Revista Nordeste*: “Essa região tem uma cultura incrivelmente rica, paisagens maravilhosas, uma culinária com raízes e refinada, e uma grande tradição musical. Também admiro o espírito empreendedor dos nordestinos. Nesse aspecto, os EUA e o Nordeste têm muito em comum.” (*Revista Nordeste*, ed. 76. p.12).

É interessante percebermos que não é a economia do Nordeste como um todo que chama a atenção dos Estados Unidos, e sim algumas áreas em específico, como nos ressalta a própria consulesa norte-americana, “Comércio e turismo são áreas importantes para o consulado.” (*Revista Nordeste*, ed. 76, p.11). O *lugar de fala* da consulesa e o fato de ela ressaltar o desenvolvimento da região também é muito significativo para a nossa análise, pois ela tece suas considerações sobre o Nordeste partindo do Recife (PE) e cidades próximas, onde a atuação do consulado se estende. Dessa forma, é atribuído, mesmo que não explicitamente, uma superioridade entre litoral e sertão.

Além das riquezas e possibilidades de desenvolvimento do Nordeste ressaltadas na entrevista publicada pela *Revista Nordeste*, podemos também observar uma construção do nordestino diferenciada do homem pobre que habita o meio rural. Aqui o nordestino é dito como um empreendedor e que pode ser comparado pela sua capacidade produtiva aos norte-americanos, um indivíduo que habita uma área dotada de potencialidades que podem e devem ser desenvolvidas pela cooperação mútua dos dois países, Brasil e EUA.

Zanforlin (2008), em seus estudos, afirma que essa divisão binária do Nordeste acaba por diluir as complexidades inerentes de cada região ou Estado, o que nos faz aceitar enunciados de fácil assimilação, como o da pobreza do Nordeste, ou mesmo a visão que se tem sobre os seus habitantes como “andarilhos magros” ou “cangaceiros” restritos a um espaço rural. O autor não deixa de nos alertar ainda sobre a importância da imprensa no sentido de promover a disseminação dessas imagens estereotipadas, dando-lhes novos

sentidos e promovendo um processo de cristalização. Porém, essas imagens podem e devem ser questionadas, pois “existe uma diversidade de personagens, modos de vida, lugares, dentro desse Nordeste que ainda precisa ser explorada e conhecida”, conforme entendem Sousa e Marcolino (2015, p. 6).

Sousa e Marcolino (2015), no seu texto *A representação da identidade regional do Nordeste na telenovela*, fazem uma abordagem sobre os principais personagens e tipos nordestinos presentes na teledramaturgia brasileira e os lugares sociais ocupados por eles. Para esses autores, na maioria das vezes, os personagens aparecem como tipos exóticos ou cômicos, sempre assumindo um lugar inferior na hierarquia social. Dificilmente um personagem de origem nordestina assume papel de médicos, advogados ou empresários, bem como possui sempre um sotaque característico, meio desengonçado que nos remete a seus lugares de origem.

Ainda, Sousa e Marcolino (2015) afirmam que quando se fala de telenovelas que têm como tema o Nordeste e o seu povo, busca-se representar figuras já cristalizadas por outras formas de linguagem, a exemplo da literatura, que há muito tempo já trabalha com a noção de seca e homem pobre ligado ao Nordeste. Essa familiaridade de figuras podem até contribuir para uma maior aceitação da novela ou mesmo do personagem, por participarem de um universo já conhecido, sendo assim de mais fácil assimilação.

Partindo do exemplo dado acima, pensamos que no caso da *Revista Nordeste* isso não seja tão diferente e que o uso constante desses personagens familiares possa vir a influenciar na maior aceitação, ou não, das matérias veiculadas pelos periódicos. Os tipos encontrados na *Revista Nordeste* já são por nós muito conhecidos: o vaqueiro, o homem pobre do campo, as populações que vivem o drama das constantes estiagens. Essas imagens, nossas velhas conhecidas, permitem uma associação rápida com o Nordeste, por meio de decore, tipos e formas que já absorvemos de outras linguagens, como a música, a literatura, entre outras. Voltando ainda à questão aludida acima, referente ao sotaque desengonçado e às questões linguísticas relacionadas ao Nordeste, podemos perceber que essa forma de falar amplamente representadas no cinema, na literatura e na teledramaturgia, nos diz muito sobre o preconceito sobre a região.

No seu livro *Preconceito linguístico o que é, como faz*, o professor, filósofo e linguista Marcos Bagno (1999) faz uma abordagem sobre os preconceitos linguísticos. Para esse trabalho, o nosso interesse recai sobre o preconceito de número quatro, *As pessoas sem instrução falam tudo errado*. Para Bagno (1999), em algumas novelas veiculadas na televisão, os autores que representam os nordestinos falam de forma estranha, criam e adotam uma

linguagem exótica e que não é encontrada em nenhuma região do Brasil. Para o autor, isso representa muito mais do que um preconceito linguístico; representa uma forma de promover a exclusão ou mesmo a marginalização do povo nordestino, pois os mesmos erros linguísticos que são cometidos pelo povo do Nordeste também são recorrentes nos moradores de São Paulo ou do Rio de Janeiro, mas lá esses erros não assumem caráter ridículo ou engraçado. Bagno (1999, p. 42) nos leva a perceber que “do mesmo modo como existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões”.

Albuquerque Junior (2007), no trabalho intitulado *Preconceito quanto a origem geográfica e de lugar*, entende que essa rejeição a determinados lugares chega a ser tão grande a ponto de muitas pessoas, a exemplo dos nordestinos, tentarem assumir uma identidade que não lhes pertence, se apropriando do modo de falar ou de andar de muitos paulistas ou fluminenses, isso como uma estratégia para serem aceitos pelos demais, ou apenas passarem despercebidos pela multidão.

Esses casos se tornam ainda mais graves, segundo o autor, quando crianças, por terem nascidos em São Paulo ou no Rio de Janeiro, insistem em negar as suas origens ou mesmo as origens de seus pais, tentando de todas as formas se desvincilharem de suas origens e ligações com o Nordeste. Esses, muitas vezes, passam a agir com preconceito contra seus conterrâneos de forma até mais intensa do que aqueles que não têm ligação alguma com o Nordeste. Tais atitudes podem ser vistas como uma forma de autoafirmação e sentimento de pertencimento à região Sudeste.

Ainda, segundo Albuquerque Junior (2007), esse preconceito contra o nordestino guarda mais complexidades do que à primeira vista podemos imaginar. É fruto de tensões sociais, que geram repúdio também em relação aos pobres, aos trabalhadores que exercem atividades braçais, historicamente desvalorizadas, preconceito com as pessoas de baixa instrução, todos esses são argumentos para tentar de alguma forma legitimar a inferioridade lançada ao *outro*, ao diferente.

Detendo agora a nossa atenção nas narrativas sobre as secas, podemos dizer que estas são constantes na *Revista Nordeste*. Já vimos nos textos de Albuquerque Júnior (2007), Cláudia Vasconcelos (2006), Marta Emisia (2004), dentre outros, que essas narrativas sobre as secas foram historicamente utilizadas como formas de adquirirem-se recursos privilegiados para o combate de estiagens, recursos esses que muitas vezes nem eram utilizados para tal fim, indo parar nas mãos das elites, ou sendo usados para cobrir favores políticos. Mas, será

que depois de tanto tempo e com debates intensos sobre o Nordeste e a chamada “indústria da seca” essa prática tem mudado?

Podemos dizer que ainda existem muitas permanências do uso político em relação às secas. O repórter João Pedrosa, na edição Nº 78 da *Revista Nordeste*, publica uma reportagem sobre a inadimplência das Prefeituras Municipais da Bahia. Segundo o repórter João Pedrosa, tendo como base entrevistas realizadas com gestores baianos, entres as causas desses endividamentos, além de extensos volumes de contas deixadas pelos mandatos anteriores, a seca em muito contribuiu para o endividamento dos municípios, como podemos ver neste fragmento: “Outras razões levaram as prefeituras baianas à atual situação de endividamento. Entre elas está a seca que atingiu todo o semiárido baiano e causou um prejuízo estimado em R\$ 7 bilhões” (*Revista Nordeste*, ed. 78, p.52)

Percebemos na reportagem de João Pedrosa publicada na *Revista Nordeste* que, apesar das gestões anteriores terem deixados dívidas altíssimas, a seca se configura como fator determinante do endividamento das Prefeituras Municipais da Bahia. Dentro dessa lógica de culpabilidade da seca, ela ainda é utilizada como argumento para adquirir verbas, o que nos remete aos argumentos utilizados pela “indústria da Seca”, já tratada anteriormente nesse trabalho. Ainda na reportagem de João Pedrosa, Gutemberg Cardoso, coordenador de comunicação da União dos Municípios da Bahia (UMB) faz questão de frisar as dificuldades encontradas no sentido de adquirir verbas para o combate às catástrofes naturais. Gutemberg Cardoso faz isso ainda tecendo comparações com as verbas liberadas, por exemplo, para o Rio de Janeiro, ao relatar que “quando há enchentes no Rio, não há tanta burocracia para liberar verbas. Existe toda uma burocracia quando é em relação à seca. Existe um engessamento” (*Revista Nordeste*, ed.78, p.53).

Os fragmentos acima mencionados e ainda outros mais presentes na matéria intitulada “Nome sujo na praça”, publicada na *Revista Nordeste*, ed. 68, que trata da necessidade de carros-pipa para matar a sede de populações do sertão, ou os impactos causados na agricultura pelas estiagens que já se arrastam por anos consecutivos, nos remetem a problemáticas levantadas por Marta Emisia (2002) no seu trabalho *Imprensa e fotografia: imagens de pobreza no Ceará entre final do século XIX e início do século XX*. A autora destaca que ainda hoje o fenômeno das secas funciona como um tipo de combustível para a imprensa, considerando a produção de extensas e variadas matérias que giram em torno dos retirantes, dos flagelados, sempre os associando à miséria, ao atraso e a uma temporalidade que se desenrola lentamente. A autora evidencia, também, como essas matérias são escritas e reescritas ao longo dos anos.

Marta Emisia (2002) traz como exemplos dessas reescritas uma matéria da *Revista Isto É*, datada de maio de 1998, e intitulada *Nas mãos de Deus... Há 120 anos*. Essa matéria sugere que desde os relatos de viagens feitos por José do Patrocínio aos sertões, em 1878, nada teria mudado desde então. José do Patrocínio foi um correspondente enviado pelo *Jornal Gazetas de Notícias*, com a tarefa de juntar informações “verídicas” sobre os lugares e pessoas encontradas nos sertões. A *Revista Isto É*, mesmo depois de passados mais de 120 anos das andanças e descrições de José do Patrocínio, ainda faz questão de usar as suas narrativas e imagens, reavivando, assim, os estereótipos das secas e dos flagelados da segunda metade do século XIX.

Nesse processo de reescrita dos flagelos das secas, podemos dizer que a matéria “Que tamanha judiação” publicada na *Revista Nordeste*, edição Nº 74, segue a mesma lógica editorial da *Revista Isto É* ao transcrever as memórias de José do Patrocínio quando esteve nos sertões, em 1878, quando publica matérias ressaltando as secas e os seus efeitos sobre os moradores do sertão, tomando como base a produção musical de Luiz Gonzaga e ao afirmar que: “O rei do Baião. Luiz Gonzaga, há décadas indagava a razão de tanto sofrimento do sertanejo. Sessenta e cinco anos após o desabafo traduzido em sua canção Asa Branca o retrato da seca e miséria é o mesmo” (*Revista Nordeste*, ed.74, p.58).

Luciane Azevedo Chaves (2014), em seu texto *Diálogo com a imprensa: a conjuntura do jornal como fonte histórica e homogeneizadora da memória*, levanta questionamentos relevantes no sentido de entendermos a construção de memórias em torno dos flagelados das secas. Para a autora, existem memórias que são dominantes, tanto por partilharem de certa homogeneidade, o que as torna de fácil assimilação, mas também por serem legitimadas constantemente, e nesse caso, a imprensa exerce um papel fundamental.

Seguindo ainda essa mesma lógica e tomando como base as representações, podemos dizer que algumas são facilmente apagadas ou esquecidas no decorrer do tempo, mas outras ganham centralidade nos diálogos, acabando por fortalecer a sua visibilidade e, assim, as secas ou os flagelos fazem parte dessa última forma de representação, visto que eles ainda estão tão presentes na imprensa.

3.3 O papel da imprensa na instituição da pobreza do Piauí

Nesse tópico problematizaremos a representação do Piauí na imprensa periódica, mais especificamente na *Revista Nordeste*, levando ainda em consideração que, historicamente, o Estado foi muitas vezes relegado ao esquecimento. Como exemplo, podemos destacar que, no ano de 2010, o Departamento Nacional de Infraestrutura e Transportes (DNIT) publicou na sua página oficial na internet um mapa em que o Estado do Piauí foi totalmente suprimido, tendo os seus limites geográficos diluídos com os do Maranhão. O referido mapa passou, em média, trinta dias sendo veiculado. Ainda no ano de 2009, um erro semelhante foi cometido por uma editora no Paraná que, sendo contratada pelo Governo Federal, publicou milhões de livros didáticos onde o Piauí também foi suprimido do mapa⁵. Evidenciamos aqui casos recentes, mas, historicamente, o Estado do Piauí foi por diversas vezes relegado ao esquecimento e silenciado, sendo evidenciado apenas pelas suas mazelas, secas e fome.

Marta Emisia (2004), ao analisar fotos dos famintos da seca no Ceará (1877-1878), assegura que a temática sobre a seca tem ao longo dos anos ganhado mais e mais visibilidade pela sua constante repetição em diversos campos de estudo, seja na literatura, na produção acadêmica, ou mesmo em outros veículos. A autora ressalta também que os jornais e revistas, principalmente em tempos de seca, produzem matérias, quase que diárias sobre a temática, dando visibilidade ao assunto pela sua constante repetição.

No Piauí isso não foi diferente. Rabelo (2009) afirma que, em 1950, os jornais piauienses já tematizavam o Estado como espaço miserável, assolado pela pobreza ocasionada pela crise no sistema extrativista, um lugar onde a população passava a se dedicar à agricultura de subsistência. Nesse contexto surge a *Revista Econômica Piauiense*, sob a liderança de Raimundo Nonato Monteiro. Essa revista agregava intelectuais engajados que, por meio das suas escritas, reivindicavam um olhar mais atento dos governantes estaduais e federais para o Piauí. As vozes desses intelectuais acabam assumindo um caminho de mão dupla, ao mesmo tempo em que se pretendia evidenciar o Piauí como um Estado de potencialidades, carecendo apenas de investimentos. Era comum, portanto, a propagação do velho estereótipo de pobreza e fome imposta ao Estado.

Rabelo (2009) afirma ainda que esse estereótipo de pobreza vai sendo gradativamente assimilado pela população, tornando-se uma identidade local. Isso acontece pela constante exposição da pobreza piauiense feita pelas matérias de jornais ou pela literatura. Essa visibilidade dada a imagens de pobreza do Piauí não se dava apenas de forma local, pelos jornais ou pela literatura do Estado. Outros Estados brasileiros tomavam de empréstimo as

⁵ Diário do Povo. Site do DNIT exclui Piauí em mapa sobre novas estradas. Disponível em: <<http://www.diariodopovo-pi.com.br/VerNoticia.aspx?id=877>> Acesso em: 10 jun. 2015.

imagens construídas pela literatura e imprensa piauiense e passavam a usá-las como um repertório discursivo/narrativo/imagético para caracterizar a região, o que nos faz pensar sobre o olhar lançado sobre o *outro*, onde apenas algumas características são dadas a ver, suprimindo a complexidade do todo, formando assim o estereótipo de pobreza criado para o Estado do Piauí, fato que justificaria a sua inserção nas linhas das políticas de desenvolvimento da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), a partir de 1960, emergindo assim grupos ligados ao Estado e que viam nas políticas de combate às secas a possibilidade de alcançar benefícios próprios.

Contudo, existiam aquelas pessoas que se incomodavam com as imagens de miséria criadas para o Estado do Piauí. Rabelo (2009, p.18) apresenta alguns exemplos da indignação dos intelectuais locais com a constante visibilidade que era dada ao Piauí, considerando que, quase em sua totalidade, enfatizava apenas os seus problemas socioeconômicos. A matéria intitulada *É hora de salvar o Piauí*, datada de 1969 e que foi veiculada pela *Revista O Cruzeiro*, pode ser tomada como exemplo. Os seus editores foram acusados de dar visibilidade apenas os aspectos negativos do Estado, esquecendo-se das recepções sempre fartas que tiveram por parte das elites piauienses. Esse fato nos recorda algumas colocações feitas por Albuquerque Júnior (2011) em relação à construção da imagem da região Nordeste. O autor nos afirma que eram comuns, principalmente no período compreendido entre as décadas de 1920 e 1940, nos jornais e revistas brasileiras, a publicação de notas sobre as viagens ao Norte, onde os repórteres davam destaque às mazelas sociais encontradas, aos costumes ditos bizarros, a figuras de cangaceiros ou pedintes vistos como símbolos de desordem social.

Mesmo que a matéria da *Revista O Cruzeiro*, destacada anteriormente, tenha sido veiculada pelos seus editores com um tom de denúncia, ela acaba por se tornar disseminadora das imagens de pobreza já cristalizadas para evidenciar o Piauí. Albuquerque Júnior (2011) descreve esse processo por meio da análise de romances produzidos no Nordeste que objetivam alertar os seus leitores e mostrar que o estado de pobreza que vivia a região se devia muito mais aos jogos políticos impostos pela sociedade capitalista do que mesmo ao clima seco vivenciado na região. O fato é que essa literatura, que tentava alertar a população sobre os jogos políticos em torno da seca, acabava por dar ainda mais força a esse discurso.

Até aqui abordamos a visibilidade dada ao Estado do Piauí como um espaço de seca e miséria, e no caso da sua capital, Teresina, isso não foi diferente. Nascimento (2010), ao analisar a imprensa periódica da capital piauiense da década de 1970, percebe a enunciação dos problemas de ordem urbana feitos pelos jornais teresinenses, a exemplo da falta de

moradias adequadas para a população que se mudava do campo para a cidade em busca de melhores condições de vida e o gigantesco abismo que separava ricos de pobres. Esse êxodo rural, aliado à falta de moradias em Teresina, deu início à formação de favelas e outros tipos de construções irregulares.

Era comum a imprensa local noticiar, quase que diariamente, os problemas sociais que afetavam a capital do Piauí, como as grandes levas de imigrantes vindas do interior do Estado. As políticas públicas referentes à saúde e à moradia nem de longe atendiam as necessidades daquela população, que inchava em ritmo acelerado. Locais inapropriados eram ocupados, como terrenos da União, ou mesmo terrenos privados às margens de rios, etc. A imprensa acabava por denunciar essas ocupações ou mesmo pedir providências dos governantes locais, por meio de matérias que tratavam esses pobres e desassistidos como bandidos.

Nascimento (2010) afirma que essa discussão feita pela imprensa em torno dos problemas sociais de Teresina ganha tanta repercussão a ponto de chegar a incomodar o governador Alberto Silva, que considerou que a imagem veiculada do Piauí estava além dos limites aceitáveis, sendo necessário mudá-la por meio de medidas de intervenção no espaço urbano. Isso nos faz pensar na construção de uma identidade indesejada, como já nos colocavam João Carlos e Idelmar Gomes (2011), no texto intitulado *Construindo uma identidade indesejada*.

Não obstante, Rabelo (2009) considera que os estereótipos de pobreza e mazelas sociais ainda hoje são recorrentes, muitas vezes sendo utilizados como argumentos políticos para adquirir verbas, o que impõe uma forma única de ver o Piauí em outros Estados, e também em âmbito nacional, continuando a incomodar grande parcela da população. Partindo dessa análise, a *Revista Nordeste* se apresenta como mais um *lugar institucionalizado de fala*, no qual o Piauí também vem sendo representado e estereotipado, mas também muito silenciado e esquecido.

Quando partimos para a análise da *Revista Nordeste* propriamente dita, podemos perceber que alguns exemplares são bastante extensos, em média cem páginas de conteúdo *sobre* o Nordeste e *para* o Nordeste. Na leitura da revista, é inevitável sermos remetidos ao esquecimento há muito imposto ao Piauí, pelas poucas vezes que o Estado é citado no periódico, em relação, por exemplo, à Pernambuco e Paraíba, Estados constantemente abordados sobre diversos aspectos, especialmente pelos seus litorais que atraem grandes levas de turistas.

“Os piauienses enfrentam longas filas para atendimento no SUS e alguns bairros não suportam a demanda de pacientes nos postos de saúde” (*Revista Nordeste*, ed. 78, p.21).

Através do fragmento em destaque no início deste parágrafo é possível perceber que o Piauí, quando é citado na *Revista Nordeste*, aparece muito mais pelos seus problemas sociais do que por suas belas praias, pelo Parque Nacional da Serra da Capivara, conhecido internacionalmente, ou ainda pela cultura e pelos diversos outros atrativos que o Estado possui. Correndo risco de cometer um anacronismo, pode-se considerar que a frase acima nos leva a pensar no papel executado pela imprensa ainda nas décadas de 1950-1960, como foi analisado por Nascimento (2010) ao destacar que, por meio de um conjunto de matérias jornalísticas publicadas, tentava-se criar uma imagem de Estado pobre, sem infraestrutura e desassistido para o Piauí. É interessante levarmos em consideração ainda que esses jornais, na maioria das vezes, estavam ligados a grupos políticos que faziam dos meios de comunicação suas “armas”, tanto para atacar os adversários como para exaltar o seu grupo político. Ao assumir o governo em 1959, Chagas Rodrigues assume o compromisso de administrar as finanças no sentido de tirar o Piauí do subdesenvolvimento imposto ao longo da história do Estado.

Atualmente, ainda podemos perceber que a mídia constrói vários discursos, dando visibilidade ao Piauí como um Estado que não dá assistência a sua população. Isso pode ser verificado, por exemplo, na edição Nº 74 da *Revista Nordeste*, no seguinte fragmento: “Dos nove estados nordestinos, apenas o Piauí ainda não está na lista para a implantação dos Centros-Dia, até maio de 2013” (*Revista Nordeste*, ed. 74, p. 78). Vemos aqui um desejo de dar visibilidade ao Estado, não pelo que ele possui, mas sim pelo que lhe faltava, o que nos faz pensar sobre as rupturas e continuidades dos discursos que tentam impor uma forma única de ver o Piauí, criando um estereótipo de pobreza e problemas sociais.

A capital piauiense, Teresina, também não deixa de ser citada pelos seus problemas sociais, como falta de infraestrutura e prestação de serviços básicos à população. Na edição Nº 70 da *Revista Nordeste*, é publicada uma matéria que diz: “Na educação, Teresina tem 20% das crianças com idade de 4 anos fora da escola. O déficit de professores e a falta de material didático são problemas para o prefeito resolver” (*Revista Nordeste*, ed. 78, p.21). Ainda podemos perceber, em outro fragmento da Revista, que no tocante às reivindicações de serviços considerados básicos para o bom funcionamento do espaço urbano, estes não são realizados a contento: “Teresina é a única capital do Nordeste que não tem Guarda Municipal, mas o assunto ficará na gaveta até que a prefeitura tenha dinheiro em caixa” (*Revista Nordeste*, ed. 78, p.21).

Nascimento (2011) deixa claro em seu estudo que as representações feitas pela imprensa e pelos seus articuladores dão ao leitor a impressão de que tudo aquilo é a cidade

real, ou melhor, imprimem ao leitor uma visão não muito agradável da cidade, pela exposição apenas de fatos que contribuem para “enfeiar” o ambiente. O autor avalia que somos levados a refletir sobre essas construções de imagens de pobreza para Teresina e para o Piauí como um todo. Estes discursos não seriam também artimanhas empregadas por grupos políticos no sentido de atingir os seus adversários, criando na população uma impressão de descaso e má administração?

Neste tópico, buscamos problematizar a construção discursiva construída sobre o Piauí que o evidencia como um Estado pobre e marcado por mazelas sociais. Com isso, nosso interesse não foi o de contribuir para reforçar tais estereótipos, mas, ao contrário, compreendê-lo em sua complexidade e desconstruí-lo. Podemos observar ainda, por meio da análise da *Revista Nordeste*, que esta comporta mais continuidades do que rupturas com a representação do Piauí, já cristalizada pela mídia como um lugar de atraso e pobreza que possibilita ver o nosso Estado de forma única, pelas suas mazelas, pelo que lhe falta, ficando em segundo plano a sua complexidade e as riquezas que possuímos, seja em belezas naturais, ou manifestações culturais. Porém, são perceptíveis os esforços por parte dos governantes atuais, e isso é feito por meio de vários veículos de comunicação, no sentido de dar visibilidade a outra imagem do Estado como bonito, rico e acolhedor, já que no Piauí vem ganhando muita força a exploração de aspectos turísticos.

4. A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS ATRAVÉS DAS IMAGENS DO NORDESTE/NORDESTINO NAS PÁGINAS DA *REVISTA NORDESTE*

Nesse capítulo serão analisadas as imagens publicadas na *Revista Nordeste* e que, geralmente, são apresentadas junto com as matérias jornalísticas. O interesse pelo estudo das imagens selecionadas pela revista citada se dá pelo entendimento de que o Nordeste não se instituiu enquanto espaço das secas e da pobreza apenas pelos discursos construídos pela imprensa ou pelas classes dominantes, mas também por um conjunto de imagens tomadas como retratos fiéis daquele espaço geográfico. Temos que levar em consideração que as imagens, assim como diversas outras fontes utilizadas na construção do conhecimento histórico, não retratam o real, mas são representações da realidade, fruto das escolhas de seus produtores e influenciadas por diversos fatores (PAIVA, 2006). De acordo com Chartier (1988, p. 17), “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”.

Paiva (2006) ressalta a importância dos trabalhos acadêmicos em que as imagens são objetos de estudo de seus autores, por considerá-las como fontes riquíssimas para a construção do conhecimento histórico. A interpretação de uma imagem pode e deve ir muito além do aspecto visual representado, pois ela foi constituída em um determinado contexto histórico, foi concebida pelo olhar seletivo de seus produtores e, como qualquer outra fonte, guarda também o seu “poder de sedução”. Analisando a “sedução” proporcionada pelas imagens, o autor alerta para que não aceitemos esses registros como verdades absolutas, pois essas imagens possuem um lugar social e são construídas de modo a atender determinados objetivos.

Em fins do século XIX e início do século XX, os diversos correspondentes a serviço da imprensa que exploraram a região Norte construíram não só narrativas escritas sobre as secas, mas também desenharam e fotografaram estes locais, possibilitando uma visibilidade para além dos textos escritos, promovendo uma leitura da região também por meio das imagens. A inserção de imagens nos relatos de jornais e revistas contribuiu para uma nova experiência de leitura, mais impactante, mais dramática, dando assim um novo sentido aos textos aos quais editavam.

Nas imagens produzidas pelos correspondentes, fica evidente a busca pela reprodução fiel da realidade como ela é encontrada, onde as pessoas são fotografadas aleatoriamente em

suas atividades cotidianas. As notícias acabam ganhando uma nova dimensão discursiva e imagética por meio da produção de narrativas visuais e escritas. Essas imagens tem a função, ainda, de servirem como provas visuais, isto é, de “testemunho” das mazelas encontradas no Norte, servindo também como uma forma de dar legitimidade aos textos (BARBOSA, 2004).

A literatura tradicional do Nordeste, que tem como tema principal as narrativas dos engenhos de açúcar daquela região, as relações conflituosas entre senhores e escravos, os problemas locais devido às condições climáticas desfavoráveis e os efeitos decorrentes desta última, foram também transformadas em imagens que representavam o Nordeste. Posteriormente, essa construção de imagens tradicionais sobre a região foi tomada de empréstimo por outras linguagens, como, por exemplo, o cinema e a televisão, onde foram amplamente difundidas (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011). É interessante notarmos, como nos coloca Roger Chartier (1988, p. 17), como num determinado tempo e espaço uma “realidade social é construída, pensada, dada a ler” e como essa realidade social que se quer criar está permeada pelos interesses dos seus grupos instituintes.

Ao falarmos de imagens, não podemos deixar de levar em consideração a sua capacidade de fixação na nossa mente e a construção de memórias em torno dessas imagens, como bem nos coloca Barbosa (2004). Ana Maria Mauad (1996, p. 5), em artigo intitulado *Através da imagem: fotografia e História interface*, nos ressalta que “A simples menção da foto já nos remete aos fatos e aos seus resultados”. A autora nos coloca ainda que o consumo diário de imagens em jornais e revistas, dotados de suas capacidades de comunicação, converte-se em símbolos dos acontecimentos, trabalhando na produção de sentidos que se disseminam através do tempo, podendo assumir diversos significados dependendo da temporalidade e do contexto no qual são veiculadas. A imagem torna-se ainda um meio de cristalização de determinados significados que queremos transmitir à posteridade.

Essa transmissão de significados pode assumir tanto uma função informativa quanto pedagógica, no sentido de orientar o nosso olhar a aceitarmos o que nos é imposto, a aceitarmos uma determinada visão de mundo, deixando de lado múltiplas possibilidades interpretativas. Isso nos faz pensar na construção e disseminação de estereótipos sobre o Nordeste e o nordestino, onde essas imagens pejorativas nos remetem a lugares e tipos comuns encontrados nos jornais, revistas, nos livros ou na TV.

Esses lugares e tipos comuns relacionados ao Nordeste nos leva a refletir sobre dois conjuntos de imagens: o primeiro, que é criado e disseminado em fins do século XIX e início do século XX, e que ainda hoje se faz presente em nossa sociedade com bastante forma, colocando o Nordeste como um espaço de pessoas pobres e intimamente relacionado às secas;

o segundo conjunto de imagens que vem ganhando visibilidade mais recentemente no nosso país é a do “paraíso tropical”, de um lugar de belas praias, de comidas saborosas e população acolhedora, imagem essa que atende a uma lógica de mercado cada vez mais acirrada e encabeçada por governantes locais e por grandes grupos hoteleiros (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007).

São sobre essas imagens e a sua recorrência na *Revista Nordeste* que trataremos a partir de agora. Com o intuito de melhor problematizar esses grupos de imagens, iremos dividi-los em dois tópicos. No primeiro, abordaremos as imagens que fazem referência ao Nordeste seco; No segundo tópico, trabalharemos com as imagens que vêm ganhando força na representação de um Nordeste de belas praias, um verdadeiro paraíso tropical.

4.1 A Revista Nordeste e a disseminação de imagens sobre a seca

Marta Emisia Barbosa (2002), ao trabalhar com a construção de memórias sobre as secas e ao analisar o processo de escritas e reescritas de memórias através dos registros fotográficos, tece um paralelo entre imagens produzidas em 1878 e a sua reprodução, ou mesmo reescritas, no ano de 1998, através de artigo publicado na revista *Isto É* e intitulado *Nas mãos de Deus... há 120 anos*. Para a autora, essas imagens parecem fazer uma viagem ao passado em busca das imagens de secas, dos flagelados e das mazelas sociais descritas por José do Patrocínio sobre o Ceará. A seguir, reproduzimos um pequeno trecho das considerações feitas por Marta Emisia Barbosa (2002), em relação às imagens produzidas em temporalidades diferentes:

A reportagem abre com uma fotografia de 1998, em que *uma família posa diante da casa de taipa onde cabem filhos, cachorro, paisagem seca*; e, mais adiante, traz uma imagem de 1878 em que, *num ângulo frontal, posam um adulto de cócoras e uma criança em pé ao seu lado* (grifos meus. BARBOSA, 2002, p. 426).

O que mais nos chamou a atenção nas descrições dos elementos que compõem as duas fotografias descritas pela autora foi a sua semelhança com registros fotográficos presentes na *Revista Nordeste*, onde está presente a casa de taipa, o posicionamento frontal de uma família e o enquadramento feito, que não deixa escapar a paisagem seca.

Figura 2: Representação da família sertaneja em tempos de seca.



Fonte: *Revista Nordeste*, ed. 74 p. 63.

Os grifos na citação do texto de Marta Emisia Barbosa (2002), apresentada na página anterior, objetiva chamar a atenção para a permanência dos discursos e imagens que privilegiam os elementos representativos até os dias de hoje, para falar do Nordeste destacando somente seus problemas, colocando-o numa posição de inferioridade. A autora nos coloca que essa similitude observada na imagem é uma estratégia usada pela imprensa, que recua em tempos passados em busca de subsídios que sirvam para compor uma narrativa no presente.

Roland Barthes (2011), no seu texto *A mensagem fotográfica*, nos mostra como uma simples imagem pode assumir camadas ou estruturas de significados, pois além da imagem visível, uma fotografia de imprensa sempre vem acompanhada por um título ou legenda. Esse conjunto forma a totalidade do significado de uma imagem. Nesse sentido, podemos notar como a Figura 2 ganha certo tom de dramaticidade impulsionada pela legenda que a acompanha.

Barthes (2011) ressalta a importância de analisar outros elementos presentes nas fotografias; além dos títulos e legendas, deve-se observar a pose dos personagens retratados que é rica em significados, podendo representar poder e/ou submissão. Para ilustrar, Barthes (2011) nos dá como exemplo uma foto que teve grande repercussão nas eleições norte-

americanas, onde John Kennedy foi fotografado com um olhar fixo em direção ao céu e as mãos juntas, passando, assim, uma conotação de pureza e espiritualidade.

Segundo o teórico francês, outro elemento de suma importância a ser observado são os objetos ou a disposição destes quando utilizados para compor as imagens, podendo essa disposição ser artificial e pensada como uma forma de promover associações de objetos com ideias. Nessa perspectiva, ao vermos uma biblioteca, logo somos remetidos à intelectualidade. Além do mais, muitas das imagens encontradas na *Revista Nordeste*, além de serem fotografias que abarcam objetos ou elementos visuais que remetem a um Nordeste seco, encontramos ainda as composições fotográficas.

Quando falamos em composições fotográficas não estamos nos referindo somente ao enquadramento ou à disposição dos objetos na cena, mas também ao processo de manipulação gráfica de imagens conhecido popularmente como montagens. São por meio dos elementos selecionados, das cores e texturas que podemos ver as típicas representações do Nordeste. Podemos apresentar como exemplo a matéria intitulada “Que tamanha judiação” publicada na da Revista Nordeste, Figura 3 da próxima página.

Figura 3: Primeira página da matéria “Que tamanha judiação”, publicada na *Revista Nordeste*

JUDIAÇÃO

Trovoadas de esperança

“Já faz três noites que pro norte relampeia. A ass branca ouvindo o ronco do trovão já bateu asas e voltou pro meio Sertão. Ai, ai eu vou me embora. Vou cuidar da prestação. A seca fez eu desertar da minha terra. Mas felizmente Deus agenciou se alertou de mandar chuva. Esse Sertão sofre de... Quiserá os homens do Sertão, também agora, fossem ouvidos por Deus e que caísse chuva para aplacar a dor e o sofrimento daqueles que há tempo não sabem o que é ter água muita quente, para beber ou dar sogado, e que vai sendo vencido pela estiagem que insiste em permanecer.

Luiz Gonzaga, em “A Volta da Ass Branca” - outra canção de protesto para chamar a atenção das autoridades para os problemas e para o descaio do poder público com o Nordeste - disse que a sua branca estava de volta, ela era um sinal de chuva. Agora, o sertanejo olha para o céu e procura a sua branca de Gonzaga. A esperança é de dias melhores. Algumas trovoadas já foram sentidas pelo Sertão nordestino. No final de novembro, pancadas de chuvas foram registradas em alguns estados. Na Paraíba, o pouso de água que caiu animou moradores das

regões do Cariri e Curimatã. As temperaturas também começaram a cair nesses locais.

No Ceará foram registradas chuvas até mais fortes. O problema é que o solo do estado está muito seco e a água que caiu ajudou apenas a aliviar os reflexos da estiagem prolongada, insuficiente para reverter o quadro de seca que proclama por lá. A previsão é de pouca chuva para os próximos meses no Ceará.

Por hora, as notícias não são as mais animadoras. A expectativa é de que chova em todos os estados nordestino, o que não será suficiente para aplacar a seca - esta das pores dos últimos 40 anos. O semiárido do Nordeste ainda deve sofrer com chuvas abaixo do esperado até maio do próximo ano.

Confirma o Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Cptec/Inpe), de março a maio de 2013, a chuva deve ficar bem abaixo dos 200 milímetros considerados normais para o Nordeste nesta época do ano.

Francis Lacorda, coordenadora do Laboratório de Meteorologia de Pernambuco (Larapel), explicou que apesar da previsão de pouca chuva, este trimestre é considerado a estação chuvosa no semiárido nordestino.

“Em anos de chuva abaixo da média neste período, como o que se tem agora na previsão, chove muito durante um ou dois dias, e depois temos períodos prolongados sem chuva, que podem ser de 10, 15 ou até 30 dias de seca. Nos dias sem chuva, as temperaturas costumam ficar bastante elevadas”, disse.



59-DEZEMBRO 2012 NORDESTE

foto: la 99/12

Fonte: *Revista Nordeste*. ed. 74, p. 59.

Na Figura 3, assim como na Figura 2, a casa de taipa está novamente presente, imprimindo um aspecto rural e empobrecido à região Nordeste. O vaqueiro, figura representativa do Nordeste, vestido com seu gibão e chapéu de couro, lança um olhar tristonho em direção ao horizonte, e a palma, planta adaptada à seca, vem para reforçar a ideia de estiagem que assola a região. Além do mais, as cores marrom e cinza predominantes que ilustram toda a matéria se fundem com as cores representativas do chão seco e da casa de taipa, reforçando a ideia de tristeza e desolação a que os nordestinos estão submetidos. Percebemos assim, os significados que essa imagem e seu conjunto de elementos podem transmitir para o(s) leitor(es). Para Guerreiro (2009),

A composição de imagem tem como objectivo alcançar um efeito emocional, passar um clima e quebrar a monotonia, pois compor não é só mostrar imagens bonitas, mas sim fazer com que o espectador fixe a sua atenção nos pontos de interesse do assunto, esse interesse pode estar no primeiro plano, no meio ou atrás (GUERREIRO, 2009).

A construção de uma informação ou notícia chamativa vai muito além da coesão de textos escritos, pois a imagem proporciona um entendimento mais “facilitado” da mensagem, assumindo à frente na transmissão de sentidos. Essa vinculação entre matéria e imagens comoventes, como os sofrimentos ocasionados pelas secas, torna-se mais atrativa, conseguindo trazer para si um número maior de leitores (LIMA *apud* QUINTO, 2012). Ainda segundo Quinto (2012), uma fotografia jornalística pode transmitir a maior quantidade de elementos possíveis em uma única imagem, funcionando como uma síntese que mostra o principal da matéria.

Segundo Sotang (*apud* QUINTO, 2012), somos bombardeados constantemente por grande fluxo de imagens. Estas podem vir da televisão, do cinema, dos vídeos e de outros meios de comunicação, mas nenhuma dessas tem a força de nos tocar e de ativar as nossas recordações como a fotografia. Essas imagens relacionadas com nossas memórias são facilmente recuperadas ao menor estímulo e é interessante percebermos como mesmo sendo extremamente familiares para um ou mais indivíduos, elas não deixam de tocá-los, a ponto de fazê-los sentir compaixão e ter mais do que a vontade, sentirem-se na obrigação de ajudar àquelas pessoas que sofrem com as secas.

Além da força que têm essas imagens, percebemos certa unidade ou uma relação entre a figura 02 e figura 03 por meio das cores que estas apresentam, sendo perceptíveis os tons marrons e acinzentados predominantes que remetem ao período das secas. Segundo Freitas (2007), as cores podem ser consideradas também como transmissoras de ideias. Estas são tão

fortes a ponto de romperem barreiras de tempo e espaço, possibilitando uma comunicação efetiva até para aqueles que não sabem ler. Nesse caso, essa comunicação se dá por associações baseadas na cultura de cada indivíduo, como por exemplo, a cor preta estar frequentemente relacionada à morte, à tristeza, à desgraça; a branca simbolizando a luz, a paz; o verde, a esperança, daí por diante.

Freitas (2007) continua fazendo uma abordagem sobre as sensações que as cores quentes (vermelho, amarelo, laranja) podem transmitir. As cores quentes nos dão a sensação de secura, de densidade e de calor. Percebemos, de tal modo, como todos os elementos presentes nas imagens da *Revista Nordeste* analisadas encaminham-se para a solidificação do estereótipo das secas no Nordeste. Observamos nas imagens que se seguem, igualmente como nas anteriores, a presença de tons marrons e cinzas, assim como a escolha de elementos (cadáveres de animais, casa de taipa) que possam dar uma maior dramaticidade ou impacto às cenas.

Albuquerque Júnior (2007) afirma que as representações do Nordeste, feitas tanto por imagens como por textos, se relacionam intimamente com quatro temáticas: o messianismo ou fanatismo religioso, o cangaço, o coronelismo e as secas. Dessa forma, vemos como as fotos e textos da *Revista Nordeste* se enquadram nessa última temática.

Figura 4: Agricultor posa para foto ao lado de cadáveres de animais mortos pelas secas



José Bráz Macedo perdeu duas vacas na mesma semana. A situação tem se repetido com outros criadores do semiárido

Fonte: *Revista Nordeste*, ed. 74, p. 64.

Figura 5: Representação de solo rachado pelos efeitos das estiagens



Ainda não se sabe a razão de estarmos enfrentando a maior seca dos últimos 40 anos

Fonte: *Revista Nordeste*, ed. 78, p. 61.

Depois de abordarmos, por meio das imagens, a construção e os reforços dos estereótipos que se relacionam às secas no Nordeste, deteremos a nossa atenção em uma nova forma de ver o Nordeste. Analisaremos a crescente representação de um paraíso tropical, representação esta intimamente ligada a uma lógica de mercado que gira em torno do turismo, objetivando vender uma imagem positiva do Nordeste e de suas belezas.

4.2 Um novo estereótipo para o Nordeste: a construção de um paraíso tropical

Segundo Albuquerque Júnior (2007), essa nova representação do Nordeste que se alastra pelo país através da mídia, colocando-o como um “paraíso tropical” que acaba construindo uma imagem positiva da região por meio da publicação de paisagens naturais exuberantes, de ritmos envolventes, comidas saborosas e ao mesmo tempo exóticas, visando despertar a curiosidade e o paladar dos turistas, tem que ser interpretada com muito cuidado,

pois essa representação pode sim contribuir para a construção, consolidação e disseminação de um novo estereótipo.

Entende-se que a representação do “paraíso tropical” também pode contribuir para a criação de novos estereótipos, a saber: o de que os nordestinos nutrem a aversão ao trabalho e estariam sempre presentes nas praias, onde os corpos sedutores seriam “dispostos ao amor e ao sexo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 124). Essa representação dos “corpos sedutores” atende a uma lógica de mercado ou a objetivos muito mais explícitos, pois segundo Castros (2004), cada vez mais nos preocupamos com o culto ao corpo, procuramos atender a padrões de beleza estabelecidos pela sociedade e pela mídia contemporânea. Dessa forma, ter um corpo dentro dos padrões de beleza vai muito além de músculos definidos pela prática de exercícios físicos, implica também o consumo de produtos estéticos. De tal modo, o culto ao corpo e o consumo de produtos estéticos, aliados a visitas constantes a belas e famosas praias, representam símbolos de distinção social.

Estas representações imagéticas que contribuem para a criação do estereótipo do nordestino como um sujeito avesso ao trabalho, bem como a exploração dos “corpos sedutores” propagadas pela publicidade, não deixam de estarem intimamente relacionados aos interesses mercantis e comerciais estreitamente ligados aos incentivos governamentais e, principalmente, aos interesses dos grandes grupos de empresas, como é o caso de redes hoteleiras, o setor de transporte e alimentação que visam se beneficiarem com o aumento do fluxo de pessoas em suas regiões. Em alguns casos, passam a ideia de que os Nordestinos estão sempre à disposição dos visitantes/turistas para servi-los. Tal recurso discursivo e imagético usados pela publicidade é construído no intuito de atrair cada vez mais pessoas, garantindo com isso a vida econômica e financeira das empresas comerciais, de turismo, além de alavancar a economia do Estado.

Esse interesse de países estrangeiros pelo investimento no turismo da região Nordeste já ficou muito evidente quando analisamos anteriormente a fala da consulesa norte-americana Usha Pits, quando afirma que as principais áreas de interesse pela região estão nos setores de turismo e negócios. Castro, I.E. (1975), no seu texto *Natureza, imaginário e reinvenção do Nordeste*, nos leva a pensar como os aspectos naturais de uma determinada região são capazes de influenciar tanto no imaginário social como as ações políticas e da sociedade como um todo. Castro, I. E. (1975) toma como exemplo a recorrência de secas periódicas no semiárido brasileiro para mostrar a construção de um conjunto de símbolos criados para representar as pessoas que ali habitam, sendo essas populações vistas como flageladas e como vítimas da dureza do clima semiárido.

A autora ressalta que esses conjuntos de ideias que se constroem sobre o Nordeste estão intimamente ligados a sua base produtiva, e a partir do momento em que novas atividades se desenvolvem, surge a necessidade de se criar um novo conteúdo que será usado para representar a região para, então, atender aos novos objetivos políticos, sociais e empresariais. É dessa forma que podemos entender a proliferação da representação do Nordeste como um “paraíso tropical”, quando os aspectos das secas não são mais capazes de angariar tantos recursos como antes, uma nova estratégia deve ser criada.

Figura 6: Publicidade sobre as belezas naturais e culinária do Nordeste Brasileiro



Fonte: *Revista Nordeste*. ed. 78, p. 29.

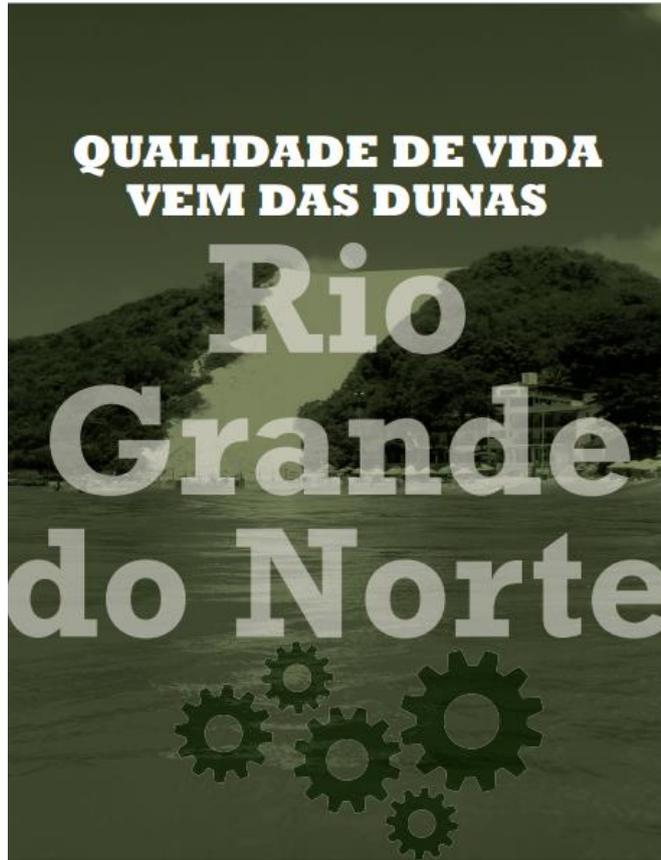
Muitos dos aspectos anteriormente citados por Albuquerque Júnior (2007), no que se refere à construção do estereótipo do Nordeste como um “paraíso tropical”, pode ser

percebido na imagem acima, como os corpos fisicamente esculturais aliados a uma paisagem exuberante e uma gastronomia de “dar água na boca”. André Riani (2013), ao problematizar a circulação de fotografia, cartões postais, panfletos de propaganda de lugares turísticos da cidade de Parnaíba (PI), mostra como essas imagens presentes nos mais diversos suportes midiáticos, são capazes de construir ou mesmo moldar o olhar do turista sobre uma determinada região. A Figura 6, por sua vez, não deixa dúvidas de que se trata de uma publicidade veiculada pela *Revista Nordeste* a fim de atrair turistas para uma temporada em Noronha.

Ainda segundo Perinotto (2013), ao realizarem as suas viagens, os turistas buscam encontrar as paisagens representadas nos materiais publicitários, com o objetivo de satisfazer os desejos despertados por estes. Dessa forma, não podemos deixar de levar em consideração o poder de convencimentos que essas imagens publicitárias podem assumir, ao despertar nos turistas o desejo (ou não) de conhecer o “paraíso tropical” que é oferecido na e pela mídia. Percebemos assim a importância de se construir uma imagem chamativa, anúncios que convençam o turista para a realização dos seus desejos, pois é isso que a publicidade e o marketing faz ou pretende fazer através da mídia. Tornar um produto atrativo a ponto de ser “comprado” pelo cliente. É uma estratégia de marketing.

Portanto, não se trata apenas da circulação da imagem do Nordeste com belas praias e possuidor de um povo belo, faz-se necessária a representação da região enquanto um “paraíso tropical” do qual os turistas devem usufruir para satisfazer seus anseios. Com isso, o uso que a publicidade faz das imagens do Nordeste para vender um produto, por conseguinte, atraem turistas que, neste caso, se tornarão os consumidores dos empresários que trabalham no ramo do turismo. Não obstante, a *Revista Nordeste* é um meio de comunicação viável para a circulação da propaganda, sem falar que muitos dos anunciantes podem pagar pela publicidade ou patrocinam a revista para manter em suas páginas a publicidade da empresa. Isso deve ser levado em conta quando analisamos as imagens publicitárias impressas em determinadas páginas da *Revista Nordeste*, como pode também ser observado na Figura 7.

Figura 7: Anúncio das belas imagens do Nordeste com textos curtos, característicos da Publicidade.



Fonte: *Revista Nordeste*. ed. 90, p. 31.

Essas imagens relacionadas às belezas do litoral nordestino carecem de um olhar crítico, no sentido de não aceitarmos tudo aquilo que nos é posto, pois como podemos ver na Figura 7 acima, o seu poder de sedução vai muito além do uso de paisagens exuberantes, mas apela para os sentimentos e necessidades de cada indivíduo, lhe oferecendo até mesmo “qualidade de vida”. Nesse sentido, a problematização de representações visuais assume cada vez mais importância, se levarmos em consideração que nunca em nossa história fomos expostos a um fluxo de imagens tão grande, reflexo tanto do desenvolvimento das técnicas de produção como do barateamento de equipamentos de captura de imagens (ALENCASTRO apud PERINOTTO, 2013).

Seguindo essa linha da problematização de imagens, podemos perceber que com a representação do “paraíso tropical”, o povo nordestino está, na maioria das vezes, ausente. Se nas representações do Nordeste seco, um indivíduo de aparência sofrida era elemento quase que obrigatório, agora podemos ver que esse foi substituído por outros elementos, como as praias, o luxo dos hotéis e uma paisagem muito mais urbana, que ressaltam o conforto e regalias que o visitante pode dispor.

Figura 8: Vista panorâmica das praias de Fortaleza (CE).



Capital cearense é a 9ª economia mais forte do Brasil, passando Salvador e Recife

Fonte: *Revista Nordeste*. ed. 79, p. 49.

Figura 9: Publicidade sobre os serviços e conforto oferecido pelo Hotel Cabo Branco

O SEU LUGAR PERFEITO

Localizado a poucos metros do ponto mais oriental das Américas, entre as águas do Atlântico e as falésias da Mata Atlântica, está o **HOTEL CABO BRANCO ATLÂNTICO**. O hotel recebe hóspedes a lazer e a negócios, oferecendo a mais alta tecnologia em seus apartamentos e salas de reunião. Nossos hóspedes podem provar da experiência e do legado gastronômico do **RESTAURANTE ROCCIA – Cozinha Contemporânea**. Na cobertura do hotel, onde fica as suítes, a piscina com borda infinita possibilita a vista de paisagens magníficas da Orla do Cabo Branco e Tambaú.

- 96 apartamentos sendo 8 suítes
- 02 salas para eventos de 250 e 45 lugares
- Área de lazer na cobertura
- Piscina com borda infinita
- Deck molhado com 12 chaise longue
- SPA com jacuzzi e sauna panorâmica
- Fitness Center
- Roccia – Cozinha Contemporânea Internacional
- Room service 24 horas
- Estacionamento privativo
- Manobrista
- Wi-fi em todo o hotel

HOTEL CABO BRANCO ATLÂNTICO

Telefone: +55 83 3576.4808
Av. Cabo Branco, 4550, João Pessoa - Paraíba | Brasil

Fonte: *Revista Nordeste*. ed. 79, p. 100.

Os poucos indivíduos que aparecem nas imagens e o seu tipo físico é o que Moraes e Saraiva (2012) chamam de “corpos holográficos”. Ou seja, corpos periodicamente submetidos a tecnologias e procedimentos cirúrgicos, objetivando parecerem mais belos, saudáveis e jovens. Segundo as autoras, essa busca pelo corpo perfeito, em muito, é reflexo do momento e das exigências as quais estamos submetidos na sociedade contemporânea, onde o mercado de trabalho e as próprias relações interpessoais exigem cada vez mais corpos esbeltos e bem cuidados. Além do mais, a sociedade contemporânea passa cada vez mais a dar valor à aparência, aqueles que não se enquadram nos padrões de beleza estabelecidos, não servem para ocupar determinados espaços, como os anúncios publicitários ou programas de TV.

Podemos perceber que essas imagens e textos construídos em torno do “paraíso tropical” nordestino muito diferem das imagens de pobreza e seca que parecem ter sido usadas mais no sentido de ilustrar as matérias e se apresentar provas visuais daquilo que estava escrito nas notícias. Já as imagens das praias e cadeias de hotéis são, na sua quase totalidade, anúncios publicitários que almejam mostrar o que o Nordeste tem de melhor em lazer, comida e conforto, visando criar no turista o desejo de conhecer e de experimentar esses sabores.

Além do mais, frequentar determinados espaços, nesse caso as belas praias do Nordeste, pode ser visto ainda como símbolo de distinção social. De acordo com Castros (2004), o fato de consumirmos determinados produtos ou serviços acaba por definir o nosso estilo de vida, nos diferenciando dos demais grupos pelos nossos gostos e pela nossa capacidade de consumo.

É interessante percebermos ainda como os espaços são ressignificados ao longo do tempo e ganham novos usos. Para Costa (2012), inicialmente a elite não nutria esse desejo de investimentos ou de desfrute pela região litorânea, esta era vista apenas como espaços onde os pescadores construíam as suas moradas e exerciam o seu trabalho. Com o passar do tempo, o espaço litorâneo passa a ser construído culturalmente como um lugar de lazer, onde é possível entrar em contato com a natureza e esquecer um pouco do stress e da vida frenética, sendo, portanto, um local destinando ao descanso dos visitantes.

Costa (2012) nos assegura que esse processo de valorização do litoral se deu pela identificação do seu potencial econômico, potencial esse que vem com o tempo sendo progressivamente trabalhado pelos meios de comunicação de massa, atendendo tanto aos objetivos do governo como os de grandes grupos de empresas e todos que de uma forma ou de outra acabam se beneficiando como aumento do fluxo de pessoas na região litorânea.

Fica evidente, assim, a valorização dos espaços e construções culturais. Na *Revista Nordeste* fica claro que a quase totalidade das imagens ou dos anúncios publicitários que ressaltam as belezas naturais ou imagens positivas da região estão estritamente relacionadas a incentivos econômicos do governo ou das empresas privadas, tais como grandes grupos hoteleiros, de transporte, etc.

Nesta perspectiva, percebemos que as representações do Nordeste são fluidas, podendo haver mudanças de acordo com as necessidades para atender novos objetivos e/ou lógicas de mercado. A base econômica, seja ela alicerçada na agricultura, seja em torno do turismo ou do lazer, muito influencia na representação do Nordeste que se quer construir para o público-leitor e, não obstante, consumidor da *Revista Nordeste*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante deixar claro que esse trabalho não tem o objetivo de negar os transtornos causados pelas estiagens, nem tão pouco afirmar que não temos um conjunto de praias exuberantes que atraem a atenção de turistas dos mais diversos lugares. Nosso intuito é perceber as rupturas e continuidades das representações construídas sobre o Nordeste e entender que essas representações, muitas vezes, são utilizadas como estratégias para a manutenção de determinados privilégios sociais, sustentados pela imposição de um lugar de inferioridade ao *outro*, ao diferente.

O nordestino não é somente aquele que foge das secas como a mídia, os grupos políticos ou alguns intelectuais insistem em nos evidenciar, uma vez que o sertanejo compreende que as estiagens periódicas sempre vão existir, e tem gradualmente aprendido a conviver com os períodos de secas. Políticas Públicas e atuação de instituições como a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Cáritas Brasileira têm incentivado projetos que estimulam a convivência com o semiárido.

A agricultura agora é exercida com muito mais tranquilidade pelo uso de sementes mais resistentes e que são adaptadas ao clima de poucas chuvas. Estas sementes fazem parte do Projeto Sementes do Semiárido (ou sementes crioulas), que visam à preservação e à formação de bancos de sementes que são⁶ essenciais para a agricultura familiar. Além de plantas mais resistentes, os métodos de estocagem de água vem se tornando cada vez mais sofisticados com a utilização de diversos tipos de cisternas capazes de armazenar água de qualidade por grandes períodos.

Tanto o Governo Federal como a Cáritas Brasileira, em parceria com outros órgãos, tem incentivado a construção de cisternas e ministrado treinamentos sobre a correta captação e armazenamento de água, pois esses têm se mostrado métodos muito eficazes de superar grandes períodos de secas sem maiores transtornos para as populações nordestinas.

Santos (et al., 2012) nos mostra também que agricultores têm sido capacitados para a construção de barragens e diversas outras técnicas de armazenamento e aproveitamento de água. Com essas medidas, muitas famílias conseguem preservar a vida dos seus rebanhos, assim como a produtividade de suas lavouras, tornando a vida nas regiões que sofrem com estiagens perfeitamente possíveis.

⁶ Mais informações sobre o Projeto Sementes do Semiárido podem ser encontradas no site: <http://caritas.org.br/>.

Vimos que muitas são as medidas tomadas pelo governo e por particulares para a superação das dificuldades em períodos de poucas chuvas. Mesmo assim, muitos ainda continuam propagando os argumentos das secas para angariar verbas, exemplo disso é a utilização de carros-pipa, prática ainda recorrente do Nordeste brasileiro. Sabemos que essas medidas assistencialistas não vão resolver o problema da falta de água, mas os interesses políticos fazem com que essas práticas resistam ao tempo.

Essas medidas assistencialistas ainda contribuem para reforçar o preconceito ao qual historicamente o nordestino foi submetido, por meio de uma ampla divulgação das mazelas sociais do Nordeste. Nesse sentido, para que esse preconceito seja quebrado, é necessária a ampliação do debate sobre a construção dos estereótipos nordestinos, pois, segundo Nobrega (2011), aqueles que deveriam desconstruir essas visões pejorativas estão reforçando-as, mesmo sem querer, que é o caso dos professores, que não problematizam os materiais didáticos com os quais trabalham, mas reproduzem todos os preconceitos presentes nesses.

Ainda sobre esse processo de reprodução de preconceitos, a escola deve ter também um papel fundamental ao instigar os alunos a problematizarem as informações recebidas pela mídia, e isso se dá com aulas que possam ir além do livro didático, trazendo debates para a sala de aula e possibilitando aos alunos o conhecimento de fontes, incentivando-os a fazerem leituras de mundo através de múltiplas linguagens, pois é inegável o sentido pedagógico que a mídia vem assumindo em nossas vidas, condicionado o nosso olhar, criando pseudonecessidades e impondo a hegemonia de um grupo sobre outros.

A leitura de muitas linguagens se torna cada vez mais importante em um mundo dinâmico, onde somos bombardeados diariamente por um fluxo muito grande de informações presentes em textos e imagens, ancoradas nos mais diversos suportes midiáticos, a exemplo do cinema, TV, literatura, músicas, entre outros.

Esse trabalho não se encerra em si mesmo, mas deixa possibilidades de estudo sobre a representação do Nordeste através da mídia, principalmente no que diz respeito ao estereótipo do sertão pobre e do sertanejo flagelado pela seca *versus* a imagem do “paraíso tropical” ainda pouco debatido. E sobre a *Revista Nordeste*, eleita para ser objeto de estudo desta monografia e para a construção do conhecimento histórico, ressalta-se que muito assunto/tema ainda deixou de ser abordado, tanto no que diz respeito a matérias como a imagens, devido ao curto tempo para a realização dessa pesquisa. Contudo, nos ancoramos no argumento de Albuquerque Júnior (2007), quando afirma que:

O que aprendemos com a história é, justamente, que tudo que está a nossa volta, tudo que fazemos, dizemos, somos, pensamos, foi produzido e inventado, historicamente, pelos próprios homens, se é assim, também pode vir a ser destruído, abandonado, desinventado e desinvestido pelos próprios homens. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 129).

Percebemos ainda a importância da interdisciplinaridade, visto que para a construção desse trabalho, mantemos um diálogo intenso e enriquecedor com o campo da comunicação nas suas mais diversas áreas, tais como o jornalismo, fotografia etc. o que contribuiu para entendermos de forma mais aprofundada as relações tecidas entre os meios de comunicação, as empresas, seus anunciantes – uma das principais fontes de renda da mídia – e o público em geral.

Ciente de que esta monografia abre apenas uma porta de leitura sobre o tema proposto e possibilidades várias de se analisar a *Revista Nordeste* e seu conteúdo, considera-se que ela pode contribuir para os estudos sobre análise dos discursos e das imagens publicadas sobre o Nordeste, no período de 2012 a 2013 e as suas *representações*, que vão desde a visão estereotipada da região e da sociedade, através dos discursos/imagens que reforçam a imagem do sertão/seca e do sertanejo/flagelado/pobre até a visão do Nordeste como um “paraíso tropical”. Considerando que a *Revista Nordeste* é o nosso objeto de estudo, e não apenas mera fonte de pesquisa, buscamos analisar a *representação* do Nordeste e do nordestino nas páginas da *Revista Nordeste*, percebendo as rupturas e continuidades dos discursos e imagens na mídia.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: As fronteiras da discórdia.** São Paulo. Cortez, 2007.

_____, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.** 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ARAÚJO, Johny Santana de. **Bravos do Piauí! Orgulhai-vos, sois dos mais bravos batalhões do Império:** A propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai 1865-1866. (tese). Niterói, 2009, p.302.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, Como se faz.** São Paulo, Edições Loyola, 1999.

BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. Imprensa e fotografia: imagens de pobreza no Ceará entre final do século XIX e início do XX. **Projeto História,** São Paulo, SP, junho de 2002.

BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. Os famintos do Ceará. In: FENELON, Déa Ribeiro et.al. **Muitas memórias, Outras histórias.** Olho D'água, 2004.

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In. LIMA, Luiz Costa (org). **Teoria da cultura de massa.** São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 350-368.

BERNARDES, Denis de Mendonça. **Notas sobre a formação social do Nordeste.** São Paulo: Lua Nova, 2007.

CASTRO, Ana Lúcia de. Corpo, Consumo e Mídia. **Comunicação Mídia e Consumo – ESPM.** São Paulo, v.1, n.1, 2004

CASTRO, Iná Elias de. Natureza, **imaginário e a reinvenção do Nordeste,** 1975. Disponível em:
<<http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal8/Geografiasocioeconomica/Geografiadelapoblacion/08.pdf>> Acesso: 06/02/2016.

CHARTIER, Roger. **A história Cultura entre práticas e representações.** 2.ed. Memória e Sociedade: 1988.

CHAVES, Luciane Azevedo. Diálogo com a imprensa: a conjuntura do jornal como fonte histórica e homogeneizadora da memória. **Anais do IV Congresso internacional de história, cultura, sociedade e poder,** Jataí, GO, setembro de 2014.

COSTA, Calos Rerisson da. Turismo, Produção e consumo do espaço litorâneo. **Geografia em Questão.** Ceará, v.05, n.5, p. 147-162, 2012.

CRUZ, Heliosa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosários da Cunha. **Na oficina do historiador:** conversas sobre história e imprensa. São Paulo, n. 35, dez. 2007.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso** Aula Inaugural no Collége de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREITAS, Ana Karina Miranda. Psicodinâmica das cores em comunicação. **Núcleo de Comunicação (Nucom)**, Limeira – SP, ano 4, p.1-18, outubro/dezembro de 2007.

GUERREIRO, Diogo. **Composição Fotográfica**. 2014. Disponível em:<
<http://www.fotografia-dg.com/composicao-fotografica/>>. Acesso em: 03 de fev. 2016.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.), 2º Ed. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

MORAES, Janaína; SARAIVA, Karla. Corpos holográficos em revistas. In: ABREU, Bento Fagundes; ALMEIDA, Tânia Silva de; ROCHA, Cristianne Maria Famer (orgs). **Mídia impressa: para além do bem e do mal**. Jundiaí: Paco Editorial: 2012. p.71-88

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Imprensa e imagens: a construção de representações do Piauí e de Teresina através de jornais diários na década de 1970. **Dossiê memória, narrativa, política**. Piauí, 28.1/2010. 2010.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Teresina, a capital que nasceu sob o signo do moderno e da pobreza. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo. 2011.

NÓBOREGA, Alessandra Fernandes. **O Nordeste como saber escolar**: As temáticas regionais/regionalistas nos livros didáticos de história. Um estudo comparado – 1930/1950 e 1998/2008. (dissertação) Universidade Federal da Paraíba, 2011, 176 p.

PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PERINOTTO , André Riani Costa. **Circulação de imagens turísticas**: fotografias de Paraíba/PI nas Mídias (tese). São Leopoldo –RS: Universidade do vale do Rio dos Sinos, 2013. p.224. (programa de pós-graduação em ciências da comunicação).

QUINTO, Maria Cláudia. Por trás das lentes, uma história: a percepção de fotógrafos sobre as imagens as mídia impressa. In: MONTEIRO, Charles (org). **Fotografia, história e cultura visual**: pesquisas recentes. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2012. p.72-88.

RABELO, Elson de Assis. Rumores da miséria, ecos da história: a emergência do estereótipo da pobreza piauiense nos anos 1950 e 1960. **Fenix Revista de História e Estudos Culturais**.Vol. 6 Ano VI nº1.

SARLO, Beatriz. A história contra o esquecimento. In: _____ **Paisagens imaginárias**: intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2005. p. 35-42.

SOUSA, João Eudes Portela de; MARCOLINO, Rafael Ricardo Santos. A representação da identidade Regional do Nordeste na telenovela. **Intercon – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Curitiba, PR, 7/9/2015.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. A construção da imagem do nordestino/sertanejo na constituição da identidade nacional. **II Encontro de estudos multidisciplinares em cultura**. Salvador, maio de 2006.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. *Ser-Tão Baiano: O lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana*. (dissertação) Universidade Federal da Bahia, 2007. 115 p.

ZANFORLIN, Sofia. Entre arcaísmos e modernidades imaginadas: Nordeste em cena nos textos da mídia. **Revista Fronteiras – Estudos midiáticos**, Porto Alegre, p.23-28, jan/abr 2008.

FONTES

Revista Nordeste: edições de 2012 e 2013.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”

Identificação do Tipo de Documento

- Tese
 Dissertação
 Monografia
 Artigo

Eu, Walton valdomiro Luz,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
O Nordeste e o nordestino na mira do mídia: Sertão/
seca e sertanejo / flagelado / pobre versus "paraíso tropi-
cal nos discursos e imagens na Revista Nordeste (2012-
2013)
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 29 de maio de 2016.

Walton valdomiro Luz
Assinatura

Assinatura